

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

CAMILA ANDRESSA DIAS DA SILVA

**UMA HISTÓRIA FEITA DE LIVROS:**  
Circulação e Valor do livro usado em Florianópolis.

**FLORIANÓPOLIS**  
**2019**

CAMILA ANDRESSA DIAS DA SILVA

**UMA HISTÓRIA FEITA DE LIVROS:**  
Circulação e Valor do livro usado em Florianópolis.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Antropologia, da Universidade Federal de Santa Catarina. Como requisito parcial à obtenção do título de antropóloga.

Orientadora: Viviane Vedana

**FLORIANÓPOLIS**  
**2019**

## AGRADECIMENTOS

É chegado o momento que já foi imaginado em outro contexto, em um trabalho com mais numero e com toda certeza bem menos imagens. Antes mesmo que chegasse a Florianópolis ou que entrasse na UFSC já fazia parte de uma família escolhida por mim e que também me escolheu e me acolheu de braços abertos. Nesse acolhimento, fortalecimento e empoderamento que a rep. Cabeças me ensinou a correr a traz do que eu acreditava, sempre a postos com um colo disponível quando eu precisasse. Gostaria de lhes agradecer por tudo o que me ensinaram – e continuam ensinando –, por me apoiarem para vir para UFSC e por fazerem de mim parte dessa família que neste ano completa 15 de mulheres incríveis. Eu amo todas vocês.

Ao chegar a Floripa aos poucos fui consolidando uma outra família aqui, um tanto mais independente uns dos outro e que dividiram comigo momentos incríveis e a mesma casa, Bruno, Suzana, Fernando e Vitor que hoje tomaram seus rumos, muitos deles completamente diferente do que imaginávamos enquanto ouvíamos Mano Chao na varanda de casa no Rio Tavares. Agradeço por fazerem parte da minha vida e acompanharem a minha caminhada na UFSC. Agradeço também ao meu gringo favorito, Dario, que depois de muito esforço o fiz aceitar que sou sua melhor amiga e que não sabe português – essa última ainda não é um consenso -, mas principalmente por ser companheiro, sincero e me dar um chacoalhão de vez em quando – mesmo que eu não peça -, sua amizade tornou a vida em Florianópolis muito mais engraça e cheia de boas histórias.

Desde o começo da minha graduação, mesmo à distante no início, construímos junto um companheirismo lindo. Agradeço ao Gustavo Alexandre, Zedas, pelo seu amor, carinho e por tudo o que me ensinou neste tempo desde música até amar de maneira livre e vulnerável. Aprendemos junto sobre a liberdade, seja ela do outro ou a nossa . Eu te amo por tudo isso e por me fazer entender que as relações podem ter a configuração que a gente quiser desde que aja respeito, cuidado e carinho. Obrigada por estar do meu lado nos momentos de ansiedade acarretados pelo TCC.

A quatro mulheres que revolucionaram a minha vida só com sua presença, carinho, cuidados e muitas horas de conversação sobre o mundo e

suas relações, agradeço à Manoela, Samantha, Ana Flávia e Raiza. Conhecer vocês mudou muito como eu me relaciono com o mundo que me rodeia e comigo mesma, aprendemos juntas a nos cuidar e nos respeitar como mulheres com histórias e formas de lidar com a vida totalmente diferentes umas das outras. E é neste ninho aconchegante de amor, respeito, cuidado e valorização do ser mulher que está crescendo a criança que mais mexeu comigo até hoje, Ananda. Hoje com apenas seis anos, essa dedicatória não faz muito sentido pra você, mas daqui a alguns anos ao ler isso quero que se sinta agradecida por me ensinar tantas coisas todos os dias, e entender todos os dias que a Cami não pode brincar por que estava fazendo o TCC. Agradeço a essas cinco mulheres que me inspiram, me suportam e fazem dos meus dias fantásticos.

Agradeço a minha família – desta vez de sangue - que desde criança me incentivou e me proporcionou tudo o que eu precisava para ir atrás do que eu acredito aqueles que mesmo não concordando com muitas de minhas visões de mundo, sempre me respeitaram me proporcionando um lugar seguro para ser eu mesmo – o que infelizmente não é a realidade de todos. Aos meus avós, tios e tias, primo e prima, irmãos e cunhadas e ao meu padrasto (que é a figura de homem mais incrível que eu tenho na minha vida) agradeço por tudo. Mas principalmente gostaria de agradecer a quem me mostrou a força e a coragem de ser mulher, de superar a dor e criar três filhos MA-RA-VI-LHO-SOS, liderou algumas casas e sempre nos deu a liberdade de ser, amar e até fazer o que queremos. Foi ela quem me ensinou a ser livre e é por causa dela que eu vou voar tão alto, te amo mãe.

Gostaria de agradecer em especial às pessoas das quais sem sua colaboração o presente trabalho não seria possível: A equipe do sebo da Ivete; Luiz; Ritty e Fernando. Todos foram gentis e me ajudaram muito em todo o processo – mesmo antes do TCC começar, quando eu já frequentava estes espaços. Muito obrigada pela paciência e atenção de vocês. Além da construção do meu TCC, quero agradecer a Ritty por viver comigo uma linda amizade. A história contada aqui começa no momento em que nos conhecemos em paralelo a ela estão momentos, piadas, choros e aprendizado, e por isso dedico a você a história que acompanhou nossa amizade - amo você.

Por fim, mas não menos importante gostaria de agradecer ao curso de antropologia no geral, os professores, servidores e colegas, que me inspiram. Em especial a minha Orientadora a Prof.<sup>a</sup> Viviane Vedana que tornou o processo de construção do TCC enriquecedor, me incentivando quando tudo parecia dar errado – e realmente estava dando. Agradeço sua paciência, bom humor e encorajamento, você me inspira como profissional e mulher. Obrigada.

Sou extremamente grata a todas essas personagens que fizeram direta ou indiretamente a minha vivência na Universidade ser extraordinária.

## **RESUMO**

O presente trabalho está dividido em três partes das quais eu discuto sobre o que eu chamei de morada, circulação e valor do livro usado, na cidade de Florianópolis. Em cima destas temáticas procuro tecer algumas relações que foram e continuam sendo criadas em torno do livro-objeto, ultrapassando sua condição de objeto – com fronteiras bem delimitadas – e tornando-se coisa (INGOLD, 2012). Faço uma contextualização dos espaços de venda e doação como os sebos, feiras de livros e doações; sigo os livros pela cidade onde monto uma narrativa visual; e por fim reflito sobre o seu valor simbólico e monetário, sempre me direcionando ao livro usado ou alfarrábios.

**Palavras-chave:** Livro usado; Sebo; Circulação; Valor.

## **ABSTRACT**

This work is divided into three parts of which I discuss about what I called address, circulation and value of the book used, in Florianópolis. Upon these themes seek to weave some relationships that have been and continue to be created around the book-object, bypassing your object – condition with well-defined borders – and becoming thing (INGOLD, 2012). Do a contextualization of spaces sales and donation as the used *sebo*, book fairs and donations; follow the books around town where I ride a visual storytelling; and finally I reflect about the symbolic value and your money, always directing to the book used or alfarrábios.

**Keywords:** Book used; *Sebo*; Circulation; Value

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>6</b>
Livro das Lamentações .....	6
Mistério no sebo de livros .....	10
Pelas Rotas dos Livros .....	12
Em Busca de Sentido.....	14
<b>Capítulo 1 .....</b>	<b>16</b>
Onde Vivem os Livros .....	16
Sebo Ivete .....	21
Sebo Index.....	23
Livreiros de rua.....	25
Estante Virtual .....	26
<b>Capítulo 2.....</b>	<b>29</b>
Estrada de tijolos amarelos .....	29
Seguindo os livros.....	32
ALCANCE.....	34
VENDAS .....	38
CAMINHOS.....	51
MARCAS .....	56
CIRCULAÇÃO E DESCARTE .....	60
<b>Capítulo 3.....</b>	<b>68</b>
Valor do livro.....	68
Valor monetário .....	68
Cadastro.....	71
Valor simbólico .....	77
<b>Conclusão.....</b>	<b>84</b>
<b>Referências.....</b>	<b>88</b>
Sites .....	91

# Introdução

## Livro das Lamentações<sup>1</sup>

O meu tema de minha pesquisa surgiu há muito tempo em uma área completamente diferente do que vou apresentar neste trabalho. Começou pela escolha de uma determinada configuração de espaço: *Company Town*, *vilas operárias*, *ciudades-jardim*. Esses espaços constituem alojamentos, mais ou menos estruturados no modelo de vilas, bairros e cidades, que são destinados a funcionários de uma determinada empresa, que investe na sua construção com objetivo de atender as necessidades básicas para a de vida de seus funcionários mantendo-os mais próximos do trabalho.

Apesar de ter contato com a terminologia e com o sentido conceitual de vilas operárias depois de começar as leituras para a minha pesquisa, durante a minha vida eu morei em diversas pequenas cidades no interior de São Paulo que em muitas características se aproximavam desse conceito. Entretanto, o meu interesse de estudar esses espaços surgiu enquanto assistia um documentário<sup>2</sup> da Netflix<sup>3</sup>, uma análise socioambiental em diversas partes do mundo. Em uma apresentação superficial de alguns minutos conheci Norilsk. Uma cidade que vive em função da extração de Níquel no norte da Rússia.

Norilsk é um Distrito autônomo de Taymyria e está situado em meio ao deserto ártico possuindo apenas uma estrada de ferro que dá acesso à cidade. O transporte aéreo também é utilizado, porém as condições climáticas tornam este meio pouco eficaz. Entre uma das cidades mais poluídas do mundo a extração e fundição de alguns minérios, especialmente níquel, tornam as condições de vida precárias, com sua população sendo a segunda maior do Círculo Ártico, Norilsk tem uma maioria da população adulta com sérios problemas de saúde.

---

<sup>1</sup> O livro faz parte da subdivisão da Bíblia chamada de Profetas Maiores, vem depois do Livro de Jeremias e antes do Livro de Ezequiel ou depois do Livro de Baruque nas Bíblias utilizadas nas Igrejas Católicas e Ortodoxas.

([https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro\\_das\\_Lamenta%C3%A7%C3%B5es](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_das_Lamenta%C3%A7%C3%B5es))

<sup>2</sup> Terra. Direção de Yann Arthus-Bertrand e Michael Pitiot. Produção: Jean-Yves Robin, Marc Stanimirovic, Nicolas Coppermann, Yann Arthus-Bertrand. Disponível em [www.netflix.com.br](http://www.netflix.com.br)

<sup>3</sup> Plataforma online de streaming onde são disponibilizados diversos filmes, desenhos, seriados, documentários entre outros, este serviço é pago.

Acontece que até para mim que carrego uma Pollyana<sup>4</sup> no peito ir para Rússia para terminar o TCC pareceu bastante improvável. Foi em meio a buscas de uma *Company Town* no Brasil - motivada pelo interesse que a cidade russa me instigou - que encontrei, além de outras, a vila de Porto Trombetas, um distrito da cidade de Oriximiná no Pará. A realização da pesquisa no Brasil a tornaria substancialmente mais viável por dois fatores importantes: as condições financeiras para o trabalho de campo; e a barreira provocada pela língua. O objetivo era pesquisar os papéis profissionais como importantes meios de socialização dos sujeitos e como essa socialização passa a ser construída e manipulada quando as empresas obtêm um poder que perpassa todos os níveis da vida de seus funcionários sendo fator fundamental de criação das redes de relações.

Reconhecida por ser um projeto de sucesso, em comparação a outras *Company Town* já construídas dentro da floresta Amazônica, seu sucesso é atribuído pelos diversos projetos e programas que buscam pensar e interagir com a floresta e as populações ali existentes. Recebem financiamento que são amplamente divulgados no site da Mineração Rio Norte (MRN). As informações que estão disponíveis online sobre o local são escassas e bastantes homogêneas, sendo o site da MRN – a empresa responsável - e duas páginas no *facebook*, as maiores fontes<sup>5</sup>.

O acesso a informações relacionadas à cidade de Porto Trombetas foi um primeiro insight no desenvolvimento do meu objetivo de pesquisa. Cercado pela Floresta Amazônica, a entrada no distrito se limita em vias aérea e fluvial – com alguns poucos horários diários ou semanais - contando com uma linha de ferro e estrada para as minas e a empresa. Outro fator que diminui a quantidade de informações saindo se dá pela necessidade de autorização para da empresa para desembarcar em seu porto.

Devido ao contexto físico-social em que se encontra o distrito de Porto Trombetas a interação com o mundo externo, e também com a realidade interna está direta ou indiretamente influenciada pela Companhia.

---

<sup>4</sup> Pollyana, um livro de Eleanor H. Potter conta a história de uma garota órfã que para aliviar as adversidades da vida pratica e ensina o Jogo do Contente, do qual o otimismo é a única regra. (<https://www.estantevirtual.com.br/busca?qtit=Pollyana>)

<sup>5</sup>[https://www.facebook.com/PortoTrombetas/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/PortoTrombetas/?ref=br_rs), [https://www.facebook.com/Porto-Trombetas-Pa-138648802874022/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/Porto-Trombetas-Pa-138648802874022/?ref=br_rs)



Apesar de todas as barreiras que se colocavam para a realização da pesquisa, me mantive confiante até o início do contato com a empresa. Eu juntamente com Viviane Vedana, minha orientadora, iniciamos um contato através de e-mail formal para o setor de comunicação - o qual não nos foi respondido - depois de alguns dias resolvemos ligar para explicar melhor a situação. O local para onde estávamos enviando o e-mail era o correto, mas pelo jeito a pessoa responsável não havia conseguido responder ainda. Enviamos de novo e voltamos a ligar, com a falta de resposta somada ao prazo e condições para realização do campo bem apertadas resolvemos que seria melhor encontrar outro lugar. E eu encontrei.

Ainda focada em manter alguns assuntos de meu interesse no projeto, comecei uma busca por empresas que exercessem grande influência na vida pessoal de seus trabalhadores, mais próxima de Florianópolis. O contexto que eu havia encontrado em Porto Trombetas era ótimo, porém neste novo cenário precisava reajustar alguns interesses da pesquisa para encontrar outro local de campo que me despertasse nova euforia. Nesta busca encontrei a Glaspark, uma empresa familiar de 19 anos em Blumenau que produz utensílios de decoração em cristal e tem como cartão de visitas a utilização de uma técnica chamada Di Murano. Tal técnica desenvolvida em uma ilha chamada Murano na Itália chegou ao Brasil, e em diversas partes do mundo, pelos descendentes dos artesãos que a desenvolveram tornando os objetos únicos. Fundamentada na utilização de pigmentos em pó, a técnica produz alguns efeitos coloridos nos objetos que somada à forma de modelagem do cristal incandescente pelos artesãos e os aprendizes obtinha-se formas e cores extraordinárias.

Devido à proximidade que a fábrica fica de Florianópolis, comparando a Porto Trombetas, consegui antes de entrar em contato, ir pessoalmente conhecer o lugar. A loja, também conhecida como o Museu do Cristal em Blumenau, possibilita que os visitantes vejam o processo de fabricação das peças com uma rápida apresentação da técnica – sem muitos detalhes, pois ainda se conservava a ideia do segredo do artesão. A minha visita pareceu bastante produtiva, conversei com muitas pessoas, falei da minha pesquisa e do interesse na Glaspark como campo, me passaram o e-mail com o qual poderia entrar em contato com o proprietário e iniciar uma negociação. O que nunca aconteceu.

Depois de alguns e-mails, ligações, tentativa de encontrar este homem em São Paulo, já estava me sentindo bastante perseguidora quando finalmente tive uma negativa e a 93 dias da [antiga] data de entrega do TCC me vi de volta a estaca 0. Respirei fundo – reclamei muito – mas fui à busca de outro assunto que conseguisse manter a minha euforia com este trabalho e que, principalmente, eu tivesse uma abertura para o campo. E mais uma vez, eu encontrei!

Sentada na cadeira do caixa de um sebo que eu vinha trabalhando de *freelancer* desde o começo do ano, observo a gerente – que aquela altura já se tornara mais amiga do que chefe – avaliando um lote de livros que um cliente trouxera para venda. Sem encontrar títulos ou edições muito rentáveis ela explica que não tem interesse de compra-los, porém se fosse do interesse do cliente ela disponibilizaria a ele uma boa quantia para gastar ali no sebo em troca dos livros. Foi naquele momento que segurei a ansiedade até o cliente sair e despejei diversas ideias que tive para serem trabalhadas naquele espaço. E em meio aquela chuva de ideias que a pegou desprevenida pedi a autorização para realizar o meu trabalho de campo naquele espaço.

A autorização que me foi negada para trabalhar nos ambientes fabris, em relação com a que me foi dada pelos sebos, se dá pelo “caráter fechado da *fábrica* em geral” que “têm a acrescentar a esta inacessibilidade à sua planta fabril a proibição ao acesso às casas mesmo dos operários, situadas em seu território” (LEITE LOPES,1976). Lopes acrescenta ainda que as possibilidades de acesso – com ou sem a autorização do usineiro – tende a ter grande influência nos resultados das pesquisas, seja pela interrupção desta ou a identificação com o patrão. A falta de retorno da MRN pode não nos dar uma resposta conclusiva em relação aos motivos que não favoreceram a minha pesquisa, porém a falta de interesse em entendê-la melhor “não deixa de indicar alguns elementos da própria natureza das usinas” (LEITE LOPES,1976), que no meu caso é reforçada pela limitada quantidade de informações - sobre a dinâmica da cidade – disponíveis online.

Já na Glaspark acredito que a minha postura foi o que acabou por impedir o campo. O meu envolvimento com as pessoas e com o espaço, inicialmente, foi bastante receptivo, fator que poderia ter trabalhado melhor ao invés de focar na ideia de que minha presença naquele espaço necessitava da

autorização de uma pessoa que não queria falar comigo e sobre a qual eu pouco falaria. A avaliação dessas recusas feitas em reuniões com a minha orientadora foram importantes para entender como eu, enquanto pesquisadora, estava me colocando em campo. A autorização tão desejada, e necessária, pode ser vista como uma problemática do papel da antropóloga em campo, visto que eu seria colocada ali em um movimento verticalizado mais explícito do que a própria relação antropóloga/interlocutores.

Quando voltei o meu interesse para o sebo, a questão da autorização não era mais um problema, pois no momento já fazia, de uma forma ou outra, parte daquele espaço. Alterando assim as características a serem analisadas do meu papel em campo: sou funcionária, amiga ou pesquisadora? Ao longo do trabalho pretendo trazer a tona essas reflexões com o objetivo de enriquecer a pesquisa buscando trazer um caráter mais subjetivo para questões como economia, globalização e sustentabilidade, que rodeiam e sustentam um comércio que aparentemente está em decadência.

### **Mistério no sebo de livros<sup>6</sup>**

Desde a infância fui apaixonada pela leitura, a minha insistência por ganhar livro beirava uma criança de um comercial antigo que esperneava no mercado por uma chicória<sup>7</sup>. Há alguns anos fiz um combinado com a minha mãe de que na páscoa gostaria de ganhar livros no lugar de chocolate. As livrarias e sebos tinham uma magia especial mim. Entrar e caminhar através das estantes a procura dos tesouros que os sebos escondiam, ou admirar as novas edições e lançamentos era um dos meus passatempos favoritos. Imaginar trabalhar em um lugar desses com certeza foi o meu sonho de criança, mas a gente cresce e observa a realidade com um pouco menos da magia da infância.

No início deste ano, com objetivo de arrumar um emprego temporário e aproveitar para viver esse sonho, reuni os sebos e livrarias existentes na região central e leste da Ilha, imprimi alguns currículos e passei a primeira semana do ano entregando-os e me segurando para não comprar um livro em cada

---

<sup>6</sup> <https://www.estantevirtual.com.br/livros/telma-guimaraes-castro-andrade/misterio-no-sebo-de-livros/2964746093?q=sebo>

<sup>7</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=Irx\\_PIGnt7k](https://www.youtube.com/watch?v=Irx_PIGnt7k)

parada. Minha peregrinação deu frutos semanas depois em um sebo localizado próximo a UFSC que há cerca de dois meses havia sido comprado. Recebi uma mensagem de uma moça que perguntou sobre a possibilidade de realizar um trabalho de *freelance* no sebo, um ou dois dias para organização do acervo da seção de religião. Posso dizer que foi neste dia que começou o meu trabalho de campo e uma grande amizade.

O que era para ser um ou dois dias de *freelance* se tornou amizade, planos mirabolantes para o melhor sebo da cidade e um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desde a primeira vez que fui trabalhar na Index voltei com muita frequência devido à relação criada com a gerente da loja, Ritty, que era nova na cidade e buscava fazer novos amigos. Como ficávamos muito tempo juntas no sebo, a maior parte das minhas informações de campo já tinham sido adquiridas antes mesmo deste ser o assunto do meu TCC. Aprendi como se organiza um acervo, como trabalhar com a Estante Virtual<sup>8</sup>, como realizar as vendas/compras/trocas de livro, informações que agora uso neste trabalho e que foram vividas como cliente, funcionária, amiga e pesquisadora. Escolher a Index como campo do meu trabalho de conclusão de curso foi tão rápido e repentino e se deu quando me dei conta de estar em pleno trabalho de campo sem meu diário. A proposta para Ritty foi repentina, afobada e com muito entusiasmo.

Inicialmente procurava ajustar o novo campo ao tema inicial: antropologia do trabalho. Trabalhar com o conceito de Vilas Operárias já não era uma opção fazia um tempo; a relação mestre-aprendiz, que surgiu na visita à Glaspark, parecia um bom caminho para se traçar junto com os livreiros:

(...) a “formação” do livreiro evoca o retorno à relação mestre-aprendiz na qual o ensinamento não estava consolidado em um modelo padronizado e universal a ser replicado, como as profissões acadêmicas, mas em um *saber-fazer* único de cada mestre, que era incorporado pelo aprendiz e seguido à risca; com o passar dos anos, quando se tornasse mestre, poderia modificá-lo de acordo com o que acumulou em décadas de prática. (SCHETTINO, 2013, p.611)

---

<sup>8</sup> A Estante Virtual é um site que desde 2005 conecta leitores e livreiros de todo país. Hoje, há mais de 16 milhões de livros disponíveis no site, 4 milhões de leitores cadastrados e cerca de 2.600 sebos e pequenos livreiros. Bem vindo a Estante! (<https://www.estantevirtual.com.br/>)

Porém a dinâmica existente naquele espaço não apresentava uma profundidade da qual conseguiria elaborar um trabalho de conclusão de curso à respeito do *saber-fazer* do livreiro mestre. Foi quando eu direcionei o meu interesse aos objetos, os livros. Qual é o valor do livro usado? e porque essa valorização e a sua precificação é diferente do livro novo?

### **Pelas Rotas dos Livros<sup>9</sup>**

A circulação do livro usado em Florianópolis se dá através de alguns principais pontos: sebos, clientes, livreiros de feira e brechós, feiras de livro, doações e bibliotecas. O foco deste trabalho será direcionado ao livro e suas dinâmicas econômicas e circulatórias. Para contextualizar o movimento realizado por eles é preciso incluir esses diferentes pontos, devido ao caráter reutilizável que este produto possui.

A Câmara Catarinense do Livro (CCL) e o Projeto Floripa Letrada são iniciativas que tem como objetivo salientar a importância da leitura para a comunidade florianopolitana. A CCL é responsável pela realização da “Feira Catarinense do Livro”, “A feira do Livro de Florianópolis” e o “Concurso literário da CCL” eventos estes que buscam possibilitar o maior contato da população com obras literárias financeiramente mais acessíveis. Realizadas no centro de Florianópolis, as feiras contam com os expositores que variam entre livrarias e sebos, apresentações culturais e concursos literários – muitos dos quais as obras resultantes são encontradas facilmente nos sebos da cidade. Já o Projeto Floripa Letrada, da Secretaria da Educação, trabalha com doações de livros de maneira a possibilitar uma relação de caráter mais cotidiano com as pessoas no objetivo de “incentivar o hábito da leitura, criar novos leitores e divulgar os mais diversos escritores”<sup>10</sup>. O projeto estabeleceu pontos na cidade – chamados de expositores - principalmente nos terminais de ônibus, para disponibilizar diversos exemplares, de temas variados, gratuitamente. O projeto funciona por meio de doações realizadas através do número 048 3212-0917, onde os participantes do projeto se responsabilizam por cadastrar e fazer a distribuição dos livros nos pontos. Contudo, também é possível fazer a doação

---

<sup>9</sup> <https://www.estantevirtual.com.br/maciellivros/ozangela-de-arruda-silva-pelas-rotas-dos-livros-circulacao-de-romances-e-conexoes-comerciais-em-fortaleza-1870-1891-1724951277>

<sup>10</sup> Floripa Letrada – A palavra em movimento - <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?pagina=notpagina&noti=2293>

no próprio ponto, o que acaba por dificultar a seleção do material disponibilizado e cadastramento para ter um controle maior do número de exemplares e dos assuntos distribuídos pelo projeto.

Para além dos eventos e projetos realizados com foco nos livros, estes estão presentes nos mais diversos lugares – Feiras de artesanato, Feira e gramado da UFSC<sup>11</sup>, brechós, bazares, rua, etc. – com os livreiros de feira. Vender livros em uma feira, no gramado da universidade ou na porta de um congresso, na Lagoa da Conceição ou na rua do centro de Florianópolis é bastante comum. Os livreiros variam de profissionais - que vivem disso ou trabalham com a venda de livros há muito tempo - até pessoas que estão vendendo tudo o que tem para se mudar. Diferente do material que encontraremos nas feiras de livro – que em sua maior parte é composta por expositores de livrarias, local onde o acervo é mais controlado - os livreiros de rua, ou de feira, normalmente estão munidos de pequenos acervos que aparentemente possuem a mesma aleatoriedade do sebo, mas em um olhar mais atento somado a aproximação com o livreiro pode-se notar que este tipo de acervo rodeia o seu vendedor. O conteúdo de desses materiais giram em torno das preferências e experiências do(a) comerciante fazendo emergir o caráter emocional que os livros possuem.

Finalmente chegamos aos sebos, locais que alavancam o contínuo movimento do livro usado e que também o caracteriza. Dentro de um sebo a circulação é posta em movimento de maneira mais eficaz que nos outros espaços devido a uma série de fatores, mas principalmente pela característica de ser um estabelecimento fixo, onde as pessoas estão cientes de onde fica, que horas abre e fecha, são permanentes, tornando-o o principal ponto de descarte – seja através da venda, troca ou doação.

Portador de um *status* social e historicamente construído e atribuído às classes mais abastadas, o livro em um sebo torna-se um produto da massa devido o seu barateamento na posição de produtos de segunda mão, pois, diferente da maioria dos produtos que consumimos a forma de descarte mais

---

<sup>11</sup> Na Universidade de Santa Catarina no campus central de Florianópolis, nas quartas tem a praça em frente a reitoria I tomada por barracas que vendem diversos produtos desde artesanato, alimentos, produtos naturais, roupas e também livros. Durante os outros dias da semana é comum encontrar livreiros expondo seus produtos no gramado próximos aos centros de ensino.

correta dos livros é colocá-lo em circulação. Apesar de não focar neste trabalho na amplitude que um livro proveniente de um sebo alcança, é importante ressaltar que apesar do barateamento do produto não significa que é de fato acessado pela população no geral. Um exemplo disto é a Index que mesmo localizada muito próximo ao Morro do Pantanal, a maioria de seus clientes são compostos por alunos da UFSC e pais com crianças em escolas particulares. A possibilidade de consumo de determinado produto não implica que o mesmo seja feito, visto que o hábito da leitura é estabelecido pelo contexto social que o indivíduo se encontra.

O circuito percorrido pelos livros usados é permeado de relações às quais gostaria de destrinchar trazendo à tona os aspectos econômicos - produtos barateados em uma economia regional, sebos e feiras, e global, estante virtual -, sociais - status do livro e incentivo à leitura através do barateamento e doação - e ambientais - consumo consciente e reaproveitamento colocando-o em circulação.

Para analisar as relações que são criadas e também criam este objeto trabalharei com sebos e livreiros de feira, com um enfoque maior no Sebo Index, local de mais tempo de campo e interação mais profunda com as atividades ali realizadas. Porém, como expliquei acima, há uma variação do valor atribuído ao o livro que parte de diferentes filtros – características físicas e de conteúdo que são responsáveis por atribuir valores aos exemplares - e para refletir sobre isso pretendo trazer outro sebo e livreiros de feira com o objetivo de comparação para análise desses filtros.

### **Em Busca de Sentido<sup>12</sup>**

No capítulo um eu inicio levantando informações sobre a compra/venda de livros no Brasil e o hábito de leitura do brasileiro. A partir destes dados estatísticos faço o mapeamento das entidades que são responsáveis pelo incentivo a cultura – literária – em Florianópolis. Apresento os meus interlocutores e delimito o meu campo fisicamente, entre sebos e livreiros, e

---

<sup>12</sup> O fundador da Logoterapia mostra nesta obra como foi a sua própria experiência em busca do sentido da vida num campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Apresenta também, numa segunda parte, os conceitos básicos da logoterapia. <https://www.estantevirtual.com.br/livros/viktor-e-frankl/em-busca-de-sentido/667192929?q=Em%20Busca%20de%20Sentido%20Viktor%20E.%20Frankl>

também virtualmente através de uma introdução a Estante virtual e sua influencia na venda de livros usados.

No capítulo 2, pretendo seguir os livros buscando refletir seus rotas e destinos através da imagem – metodologia muito importante para o desenvolvimento deste trabalho. A circulação dos livros usados é trabalhada através do conceito de circuito de Magnani (2002) que me possibilitou observar a movimentação dos exemplares localmente. Entretanto, o alcance destes objetos tem atingido regiões mais distantes devido a estante virtual, que por si só se caracteriza em um circuito mais extenso – em termos geográficos - e específico - em termos do que seria circulado. É na movimentação do livro e na sua interação com o ambiente, com os humanos e com o tempo que pretendo atribuir um caráter de coisa tal como é abordado por Ingold (2012).

Já no capítulo 3, após ter delimitado o meu espaço e caminho percorrido pelos livro-objetos trago uma reflexão sobre o seu valor, desdobrando-o em duas perspectivas: o valor simbólico – socialmente construído através da cultura escrita – e o valor monetário – que apesar de seguir com alguns marcadores possui caráter subjetivo e contextual. No deslocamento entre esses dois conceitos trabalho com a mercantilização e individuação trazidos por Kopytoff (2008), observando que o livro se apresenta enquanto mercadoria e bem simbólico – ou os dois – de acordo com o contexto e com quem/o que interage.

Por fim, trago os quatro pilares apresentados acima: local, circulação, valor monetário e simbólico; na construção da biografia do livro-objeto. Além de algumas análises atuais da situação do livro em relação ao surgimento de novas tecnologias e possíveis abordagens para futuras pesquisas.



# Capítulo 1

## Onde Vivem os Livros<sup>13</sup>

Os eventos e entidades relacionados ao consumo de livros e incentivos à leitura são comuns por todo o país. O Instituto Pró-Livro<sup>14</sup> é uma organização privada, sem fins lucrativos que tem como “objetivo o fomento à leitura e a difusão e acesso ao livro” e realiza a cada quatro anos, desde 2007, a pesquisa<sup>15</sup> “Retratos da Leitura no Brasil”. A última edição que ocorreu no fim do ano de 2015 apresenta que 56% da população brasileira é composta por leitores<sup>16</sup>.

Um dos principais destaques da pesquisa em 2015 é o fato de a população adulta e a que está fora da escola estarem lendo mais do que foi observado nos anos anteriores da pesquisa, embora ser leitor ainda seja uma característica significativamente associada à escolaridade, à renda e ao contexto socioeconômico no qual os indivíduos estão inseridos, o que aponta para um desafio no processo de inclusão de parte significativa dos brasileiros na população leitora; (...) Outra tendência indicada por essa edição da pesquisa é o aumento da importância dos livros lidos por iniciativa própria em relação aos indicados pela escola, mesmo entre os estudantes. (FAILLA, 2016, p.128)

Como podemos ver, o hábito de leitura que vem aumentando entre os leitores apresenta uma autonomia em relação aos temas escolhidos, desvincilhando o conteúdo lido do que é indicado pelas instituições de ensino, que pode ser relacionado ao maior acesso a diferentes áreas através do uso da internet. Em 2015 a média de livros lidos por ano por habitante estava em torno de 4,96, mais que em 2011 em que a pesquisa trazia 4,0 livros por ano, e a leitura de livros físicos ou digitais se encontrava na décima posição entre as atividades de lazer praticadas pelos brasileiros.

<sup>13</sup> [https://www.estantevirtual.com.br/livros/spike-jonze-dave-eggert/onde-vivem-os-monstros-o-livro-do-filme/691241325?q=Onde%20Vivem%20os%20Monstros%20o%20Livro%20do%20Filme&livro\\_usado=1&b\\_order=preco&gclid=Cj0KCQjwitPnBRCQARIsAA5n84mubRLOAE0UVQOhnDz\\_YR-OVbGzxsXxjzVFJ5SkHYSvBCPFsmRH9B8aAjLsEALw\\_wcB](https://www.estantevirtual.com.br/livros/spike-jonze-dave-eggert/onde-vivem-os-monstros-o-livro-do-filme/691241325?q=Onde%20Vivem%20os%20Monstros%20o%20Livro%20do%20Filme&livro_usado=1&b_order=preco&gclid=Cj0KCQjwitPnBRCQARIsAA5n84mubRLOAE0UVQOhnDz_YR-OVbGzxsXxjzVFJ5SkHYSvBCPFsmRH9B8aAjLsEALw_wcB)

<sup>14</sup> <http://prolivro.org.br/home/>

<sup>15</sup> Realizada pelo IBOPE Inteligência.

<sup>16</sup> De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil são considerados leitores aquele que leu pelo menos um livro, inteiro ou em partes, nos últimos três meses.

A principal forma de acesso ao livro, de acordo com a pesquisa, é através de compras em livrarias físicas ou pela internet, totalizando 43% dos acessos por este meio. A compra de livros pela internet totaliza 19% em 2015, provocando uma diminuição da porcentagem comprada em Livrarias, sebos e livreiros de ruas, que correspondem o perfil dos vendedores da estante virtual. Ainda assim, as livrarias físicas detêm a maioria da compra de livros (44%). O preço é principal fator que motiva o leitor comprar um livro em determinado local, outros fatores como: variedade; comodidade ou proximidade; garantia ou confiança; costume de comprar no lugar; possuem significativa influência na hora da compra.

Gosto e atualização cultural/conhecimento geral são os principais fatores que motivam os brasileiros a ler, sendo que as menções a gosto aumentam de forma inversamente proporcional à idade, o contrário ocorrendo com as menções à atualização cultural e conhecimento geral, indicando uma transformação da motivação da leitura ao longo da vida. O mesmo ocorre com outros motivos ligados, por um lado, ao prazer e, por outro, aos aspectos instrumentais da leitura. Indivíduos com mais alta renda também reportam em maior medida em relação aos de renda mais baixa motivos relativos aos aspectos instrumentais da leitura; (FAILLA, 2016, p.129)

A pesquisa apresenta dados do que a leitura significa para os entrevistados: a leitura traz conhecimento (49%); a leitura traz atualização e crescimento profissional (23%); a leitura me ensina a viver melhor (22%); a leitura pode fazer uma pessoa “vencer na vida” e melhorar sua situação financeira (17%); a leitura é uma atividade interessante (16%); a leitura facilita a aprendizagem na escola ou faculdade (15%); a leitura é uma atividade prazerosa (13%); a leitura ocupa muito tempo (5%); a leitura é uma atividade cansativa (5%); só leio porque sou obrigado(a) (3%); a leitura não serve pra nada (1%). Nos próximos capítulos abordarei como tais respostas, com a ajuda das mídias, são elementos importantes para a perpetuação do hábito da leitura enquanto uma atividade enriquecedora para o desenvolvimento pessoal.

O desenvolvimento de eventos e projetos, como o Instituto Pró-livros, que buscam fortalecer os hábitos de leitura na população são comuns em diversas cidades do país, especialmente nas capitais. Em Florianópolis são responsáveis por esse tipo de atividade: a Secretaria Municipal de Educação -

que realiza o projeto Floripa Letrada e a Feira de Livros infanto-juvenil; a Câmara Catarinense do livro - responsável pelas: Feira do Livro de Florianópolis, Feira Catarinense do Livro e o Concurso Literário; e a Sociedade Amantes da leitura - fundadora da Biblioteca Comunitária Barca dos Livros.

A Câmara Catarinense do livro (CCL) foi criada em 1970 sob o nome de Associação Catarinense de Editores e Livreiros, tem como objetivo elaboração de eventos que incentive o comércio do livro através de feiras nas quais os expositores apresentam seus produtos em valor mais acessível. Apesar de em sua maioria os expositores serem livrarias, também há a participação de sebos. São três os eventos realizados pela CCL atualmente: A Feira do Livro de Florianópolis que vai para a sua 33ª edição, ocorre no mês de dezembro todos os anos; a Feira Catarinense do Livro na sua 11ª edição é realizada no mês de Abril na semana do dia 18 – dia nacional do livro e também aniversário de Monteiro Lobato; e o Concurso Literário da CCL que foi lançado em 2001 e é realizado durante a Feira Catarinense, os livros publicados com as obras vencedoras podem ser encontrados nos sebos da cidade.

A Feira de Livros infanto-juvenil está na sua 9ª edição e mesmo sendo um projeto da Prefeitura Municipal é realizada concomitantemente a Feira Catarinense. Além da feira, a prefeitura também é responsável pelo projeto Floripa Letrada, que visa inserir a leitura no cotidiano da população. Para isto disponibilizaram alguns expositores em locais públicos para a distribuição gratuita de livros. Os pontos são: os terminais de ônibus e alguns centros comunitários. O projeto recebe doações de diversos lugares como escolas, pessoas físicas, sebos e etc. Estes livros são cadastrados e distribuídos nos expositores do Floripa Letrada. Para fazer doações para o projeto é preciso ligar para o número (48) 3212-0938 ou então depositar o livro nos próprios expositores, pois estes são coletados pelos participantes do projeto para serem catalogados – fator que faz com que o projeto prefira que as doações sejam feitas através do número telefônico, assim eles conseguem cadastrá-los e fazer uma seleção dos livros a serem doados. O projeto ocorre desde 2010 e até 2016 já havia circulado mais de 918 mil publicações. Atualmente o projeto está na ativa, porém tem recebido doações específicas de livros infanto-juvenis para construir bibliotecas para uma escola e uma creche que serão inauguradas em breve.

A Sociedade Amantes da Leitura foi fundada em 2003 é responsável pela criação da Biblioteca Comunitária Barca dos Livros<sup>17</sup>. O projeto foi iniciado 2007 e ainda hoje promove eventos e possibilita o contato da comunidade à obras de diversas áreas. Com maior acervo infanto-juvenil do estado de Santa Catarina, estes foram doados, em sua maioria, por sua diretora-geral Tânia Piacentini, que os recebe como votante dos prêmios anuais da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)<sup>18</sup>. A Barca dos Livros é responsável por alguns projetos que buscam promover a ocupação do espaço da biblioteca, em sua maioria destinados ao público infanto-juvenil. Entre os projetos realizados estão: histórias na barca dos livros; a escola vai à barca; sarau de histórias; encontro com o autor; atividades de formação. A Barca dos livros e o Projeto Floripa Letrada não serão abordados de maneira mais detalhada, pois a não comercialização dos livros nestes casos os afasta dos objetivos desta pesquisa. Entretanto, é importante a contextualização deles já que também configuram o circuito percorrido pelos livros em Florianópolis.

Quando decidi realizar o meu trabalho com a venda de livros, a ideia inicial era incluir também os livros novos, utilizando a comparação do livro novo como uma mercadoria impessoal, ainda que carregada de valor simbólico do status de conhecimento, com o livro usado portador de valor afetivo que carrega consigo histórias das mais diversas para além daquelas que lhes foram impressas. O distanciamento do livro novo com aquele presente no imaginário literário - de um objeto que carrega histórias, sabedoria e poeira - é realizado através da esterilização das livrarias que se tornam ambientes frios, extremamente iluminados.

O ambiente das livrarias que se populariza atualmente visa pensar uma estética funcional e que valorize o seu produto, entretanto não pretende estabelecer uma relação entre o produto e o cliente no próprio estabelecimento, o que caracteriza o comércio atual, principalmente o presente em shoppings centers. A mediação do vendedor em uma livraria tem o intuito de agilizar o encontro do produto, possibilitando que a estadia dentro da loja

---

<sup>17</sup> <https://barcadoslivros.org/>

<sup>18</sup> "Seção brasileira do International Board on Books for Young People - IBBY, e constitui-se como uma instituição de direito privado, de utilidade pública federal e estadual, de caráter técnico-educacional e cultural, sem fins lucrativos, estabelecida na cidade do Rio de Janeiro." (<http://www.fnlij.org.br/>)

seja cada vez mais rápida. Para tal é importante ressaltar algumas características assumidas pelas livrarias que procuram tornar mais eficaz a entrega dos produtos aos clientes: a organização e limpeza do acervo; espaço iluminado e bem sinalizado; seleção dos produtos a ficar nas vitrines e saguões de entrada das lojas. Para exercer a profissão de vendedor de livros em grandes lojas, principalmente em shopping, não é necessário curso profissionalizante ou qualquer formação específica, sendo necessário um conhecimento superficial de alguns produtos mais em alta. Entretanto, é comum encontrar vendedores em livrarias com formações de áreas específicas que são utilizadas para auxiliar o cliente na compra do produto.

Busquei focar o meu trabalho nos livros usados e onde eles são encontrados – sebos, feiras, livreiros de rua e etc. – devido a duas características trabalhadas aqui: a circulação e a variação do preço dos livros usados. Tais características contribuem para a coisificação (INGOLD, 2012) dos livros, trazendo-os a vida através dos fluxos e transformações sofridos e também causados por eles. O processo de coisificação dos livros retira o valor de objeto inerte, cuja “superfícies externas e congeladas” delimitam o “produto final”. Os livros em constante transformação seriam mais bem analisados como um “acontecer”, ou melhor, “um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” e nesse emaranhado de atores “seguindo um modo de vida particular, tecendo um fio através do mundo, então talvez possamos definir a coisa, como eu já havia sugerido, como um *parlamento de fios*.”(INGOLD 2012).

Para analisar estes fios ou fluxos segui os rastros da circulação – da onde os livros vêm, e para onde vão; quem tem acesso; onde são mais comuns –, da interação com os agentes responsáveis – vendedores, instituições, órgãos públicos, etc. – e me deparei com a importância da extensa população universitária na cidade - que comporta duas universidades públicas, sendo uma estadual (UDESC) e uma federal (UFSC), universidades particulares (UNISUL e UNIVALI), além do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – que é responsável por boa parte do consumo de livros na ilha. O turismo também afeta a venda de livros – como a todo comércio e rotina da cidade – porém acontece mais como consequência do aumento populacional do que por interesse específico, para isto as feiras são mais eficientes. A venda de livros usados em meio universitário é bastante comum devido ao valor acessível do

material. O próprio criador do site estante virtual o fez com o objetivo de encontrar livros que precisava para utilizar na faculdade, a um preço mais acessível.

No centro histórico da cidade de Florianópolis é onde está localizada a maior concentração dos sebos, principalmente na rua João Pinto, onde você encontra pelo menos quatro estabelecimentos que tem como principal atividade a venda de livros usados. Entre eles está o Sebo da Ivete – um dos locais de realização do trabalho de campo – aberto desde 1992. Foi um importante espaço para realização deste trabalho e também para a minha vivência em Florianópolis.

### **Sebo Ivete**

A rua João Pinto, região do centro histórico de Florianópolis, estava quase deserta, a chuva que vinha de todos os lados deixou nua aquelas estreitas ruas como eu nunca tinha visto antes. Entrei no primeiro sebo no meu caminho, o da Ivete, havia muito tempo que não aparecia por lá - desde o começo do ano quando fui entregar currículo. Este foi o primeiro sebo em Florianópolis que eu conheci, sempre me perdia quando caminhava sozinha por aquelas ruas e desta vez dei de cara com o ele assim que cheguei ao centro.

Na esquina da João Pinto com a Nunes Machado, o Sebo da Ivete possui paredes de pedras brancas e uma placa suspensa de modo que as duas ruas enxerguem o seu nome. Minhas visitas ali eram repletas de ansiedade pelos tesouros escondido, mas desta vez era diferente. Apesar de já ter estado ali uma centena de vezes, foi como entrar pela primeira vez, o volume do acervo à mostra parecia três vezes maior do que eu me lembrava. As prateleiras terminavam com pilhas de livros que seguiam até o teto. A maior parte das estantes de madeira estava envergada pelo peso dos livros, tudo parecia que se equilibrava tão delicadamente que a sensação de soterramento era quase inevitável.

Dei uma apressada volta pela loja, na tentativa de fazer um (re)conhecimento do espaço, com outro olhar para as etiquetas, preços, avisos, classificações e organizações. Minha cabeça girava com as mais diversas perguntas: porque este assunto está do lado deste? Essas revistas na frente?

Elas vendem tanto ou é uma tentativa de escoamento do material? Percorrendo o espaço entre as pesadas estantes e as paredes forradas de livros, olho para cima e vejo uma câmera de segurança, o que me conduziu a entrar no próximo corredor adentrando mais ao sebo. Parei diante de uma entrada onde um pequeno hall a direita tinha tantos livros empilhados que quase não notei uma porta entreaberta que exibia um pequeno escritório. À minha frente mais ao fundo depois da entrada havia duas mulheres que conversavam separadas por uma porta de madeira que aparentemente estava grudada nos livros que a contornavam. A mulher que estava parada do lado de dentro eu não reparei bem, pois a porta que cobria mais da metade de seu corpo possuía uma placa vermelha com “SOMENTE FUNCIONÁRIOS” que conseguiu tirar a minha atenção até a segunda mulher finalizar a conversa e voltar caminhando em minha direção e entrar no pequeno escritório diante de mim. Quando a porta se fechou, outra mensagem, em verde desta vez, me informava que era “PROIBIDA A ENTRADA”. Apesar de mais agressivo o recado achei que a placa em verde era mais receptiva que a vermelha e bati na porta.

“Pode entrar” disse a voz dentro do pequeno escritório, sem me atrever a entrar muito fiquei na porta tentando não gaguejar no que iria falar. O escritório era estreito e comprido, partindo da porta havia uma escrivaninha que se estendia até o fim onde estava localizado um televisor grande com as imagens das câmeras e ao lado um computador com a tela igualmente grande de frente para a senhora alta que havia visto há segundos atrás. Pedi um minuto da atenção dela. Ela concordou contanto que não demorasse muito. Comecei a explicar o tema da pesquisa, da maneira mais rápida que pude encontrar, e ela me interrompeu em vários momentos para acrescentar informações às minhas frases. A primeira foi no início da minha explicação quando falei sobre o foco da minha pesquisa seria com livros usados em Florianópolis:

- ALFARRABISTA! É o nome da pessoa que vende alfarrábios<sup>19</sup>, ou livros antigos. Alfarrábios são livros sem importância por serem antigos.

---

<sup>19</sup> Alfarrábio. [Do antr. ár. *Al-farabi*, lat. Alfarabius, filósofo muçulmano estabelecido em Bagdá (c.870-950).] **S. m.** Livro antigo ou velho e de pouco préstimo, ou valioso por ser antigo.

Procurou no google para se certificar de todos os termos já que eu desconhecia o significado daquela palavra. Aquela era Ivete, dona do sebo desde 1992, como ela diz com tanto orgulho.

### **Sebo Index**

Localizado no bairro Pantanal, o sebo fica em uma das importantes vias de acesso para a UFSC, há apenas alguns quarteirões da Universidade. Em um largo estacionamento do restaurante Flamel existem duas pequenas, escondidas e bem charmosas lojinhas, uma de produtos naturais - verde e marrom - com grandes potes de produtos a granel em prateleiras de madeira bonita. A mãe e a filha trabalham juntas, parecidas, uniformizadas e gentis. A loja ao lado é a Index, no canto do estacionamento seu preto e amarelo se destaca artificialmente, cena que não apaga o antigo branco e amarelo mostarda que ostentava o último dono. Expositores a porta e duas pequenas mesas pretas com cadeiras amarelo e vermelho rodeiam a loja, ostenta uma frente de vidro que em sua porta de correr vemos a placa de aberto.

Ao pisar dentro da loja nos encontramos em um espaço aberto no centro – normalmente ali encontramos os livros que acabaram de ser comprados ou então o que acabaram de ser cadastrados<sup>20</sup> e já não cabem mais nas prateleiras. Do lado esquerdo da entrada a porta de vidro se liga a um balcão a 120° que limita um recuo retangular com dois lados de vitrines - que hoje foram vedadas com adesivos, uma com o logo da Index em amarelo num fundo preto e outra com fotos de vários autores famosos - sem nenhuma mulher. É no recuo que se encontra o caixa bem mais baixo que o pequeno balcão preto que impede de enxergar quem está sentado no cubículo rodeado de pilhas de livros, provavelmente, a cadastrar. O recuo é delimitado pelo balcão e a estante da parede oposta à entrada, que criam uma pequena passagem para dentro do caixa exibindo a cafeteira – daqueles modelos que parecem pequenos alienígenas da Nescafé.

---

(Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, 2009, p. 93)

<sup>20</sup> Durante a minha pesquisa os livreiros com os quais trabalhei que possuíam um sistema de cadastro usavam o da estante virtual. Com ele é possível disponibilizar o acervo para a venda no site como também fazer o download dos cadastros para controle próprio.



A estante que delimita o cubículo com o balcão é a primeira de quatro grandes estantes de ferro que se prolongam pela parede oposta à entrada, destinadas aos livros que foram cadastrados inicialmente, cerca de dois mil exemplares para conseguir o mínimo de cadastro e estar na estante virtual. Para os primeiros cadastros foram selecionados entre os que estavam acima de R\$15,00 para iniciar com um acervo online de livros mais caros, hoje o mínimo vendido pela Index é R\$7,90. Estão divididas da seguinte forma e sentido, saindo do lado do balcão: estantes – 2, 3, 4 e 1; prateleiras – A, B, C, D, E e F. Nestas estante não há divisão em temas os números e letras servem para a localização dos livros cadastrados. A única divisão existente é que na prateleira A estão livros em edições maiores, como os de fotografia e enciclopédias. A última fileira abaixo da F possui alguns livros grandes também, mas que não foram cadastrados por terem menor valor.

Ao fim das quatro estantes encerra também o espaço aberto da frente e se estende quatro corredores de estantes no meio da loja. Ao chegar no fundo temos mais dois pequenos recuos formando um M do qual da direita para a esquerda temos: o primeiro recuo com livros didático; o segundo com administração, direito e medicina; e termina com a porta de um pequeno banheiro. As sessões ao longo da loja estão, em sua maioria, separadas e algumas já foram inteiramente cadastradas.

A Index começou em São Paulo com o Fernando. Até o início de 2018 existia apenas em ambiente online, em uma casa em São Paulo que é feita de depósito dos volumes que são vendidos através do site estante virtual - *marketplace*. No fim de 2017, Fernando comprou um lote com todos os exemplares de um sebo em Florianópolis chamado *A Toca do Livro* que estava fechando, aproveitando a oportunidade e visando expandir as entradas de exemplares. Sem a intenção de se mudar para Florianópolis, Fernando coloca uma amiga de anos, Ritty, do Rio Grande do Sul, para gerenciar a loja, já que ela tinha o interesse de se mudar para Florianópolis. As negociações começaram em novembro de 2017 e no dia 02 de janeiro 2018, abriram as portas no meio da reforma. Desde então Ritty gerencia a loja física em Florianópolis, com vendas online e o Fernando cuida do acervo em São Paulo. Com a compra da Toca do Livro, além dos exemplares existentes na loja, ainda possuem um depósito para os excedentes da Index Floripa.

## Livreiros de rua

Dos locais trabalhados durante a pesquisa, os livreiros de rua foram os que eu menos tive contato. Em conversas informais pela UFSC falávamos de assuntos que iam para além do universo dos livreiros, tema que ainda assim era constantemente retomado, pois a venda de livros das pessoas com quem conversei atravessa as suas vidas misturando trabalho e lazer. O comércio de livros usados dentro da Universidade Federal de Santa Catarina é bastante comum, não apenas por aqueles que desejam se livrar de alguns exemplares e ganhar uma *grana* a mais do que ganhariam em vender em um sebo, mas principalmente por profissionais do ramo. Dois de meus interlocutores trabalhavam com a venda de livros há pelo menos dez anos.

A opção por vender em feiras, ruas e praças elimina as burocracias relacionadas a ter uma loja física, entretanto a ausência de um ponto físico e fixo é abordada como um problema devido ao armazenamento correto e coeso dos livros e uma estabilidade de horários e onde ser encontrado. Apesar destes contratempos a venda de livros “na rua” nos casos trabalhados era uma questão de opção e gosto por desempenhar essa atividade desta maneira.

A partir das três experiências em campo realizadas durante o segundo semestre de 2018 pude acompanhar o circuito realizado pelo livro no meio urbano e online.

Com relação a circuito, trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial; ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais. A noção de circuito também designa um uso do espaço e dos equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos [...] (MAGNANI, 2010, p.18)

E agora, tirando a cara dos livros pretendo observar a cidade, e também o ambiente digital, mapeando seus movimentos para analisar o circuito gerado pelos atores que constroem o consumo dos livros usados para além da compra de um produto, mas também como uma maneira de se relacionar com este.

## Estante Virtual

O marketplace é um modelo de negócio no qual um site agrega a oferta de diferentes lojas virtuais das mais diversas categorias, unificando a experiência de compra, o carrinho, o pagamento e até a entrega, em muitos casos. A diferença deste modelo para os demais agregadores está no conceito de *one-stop-shop*, ou seja, concentra as operações e a experiência de compra, desde a busca até o *checkout*, numa mesma plataforma. O marketplace não direciona os consumidores ao site de terceiros, e por concentrar toda a experiência na sua plataforma, o consumidor torna-se um cliente do marketplace, já que é com ele que se relaciona diretamente, mesmo que o lojista terceiro realize a entrega do produto (E-COMMERCE NEWS, 2012).

A estante virtual é o primeiro *marketplace* especializado apenas em venda de livros do Brasil, foi criado em 2005 por André Garcia. A estante surgiu com a união entre a falta de dinheiro para realizar o mestrado com a dificuldade de encontrar livros específicos para seus estudos. Formado em administração e com experiência em marketing digital, André se dedicou por mais de um ano ao desenvolvimento de seu projeto. Em 2017 o site foi vendido para a Livraria Cultura, porém, as mudanças provocadas por essa compra estavam a nível mais contratual com os clientes e livreiro do que no *layout* ou categoria das vendas.

A capacidade de alcance que esse tipo de ferramenta atinge na venda de livros usados proporciona o alargamento da circulação dos livros e com isso permite que edições de baixas tiragens e certa relevância regional também atinjam outros territórios. Esse trajeto ampliado dos livros de publicações independentes possibilita que outras vozes, contra hegemônicas, atinjam um leque maior de pessoas. Mesmo que a cobertura da Estante Virtual ainda não esteja em escalas globais, pude rastrear alguns vestígios visíveis do aumento da área de circulação de exemplares: na entrada – por meio de venda, troca ou doação - e saída – através da Estante Virtual - do sebo do qual realizei maior parte do meu trabalho de campo, pois carregam consigo marcas e memórias de seus trajetos. A venda de um livro sobre os vencedores do Concurso

Literário da CCL<sup>21</sup> indo para Minas Gerais ou a compra de um exemplar que ostenta de carimbos, adesivos até as antigas etiquetas de papel das livrarias. O site é responsável por criar uma mediação entre os clientes e os livreiros de diversos lugares do país, aproximando-os, e isto é facilmente observável nas páginas dos livros.

A plataforma também é utilizada como meio de catalogação de acervo proporcionando para os clientes uma rapidez no encontro dos títulos desejados, como também uma ferramenta de organização para os livreiros. A adesão dos livreiros ao site varia bastante e estão diretamente relacionadas às condições de venda existentes em cada estabelecimento, entre meus interlocutores estão: um livreiro de rua e um sebo que utilizam a estante virtual e uma livreira de rua e um sebo que não utilizam a plataforma. A maior resistência em relação ao uso da ferramenta está diretamente relacionada ao cadastramento dos exemplares, atividade intensa - principalmente quando se trata de acervos já constituídos por milhares de exemplares – que necessita de manutenção diária: cadastramentos de novos exemplares e exclusão após venda. Além do trabalho envolvendo os cadastros é necessário que se faça a embalagem e envio dos livros, atender aos e-mails e comentários dos clientes com determinada rapidez e constante monitoramento destas atividades para conseguir manter as avaliações altas, pois quando se encontram abaixo do mínimo estipulado a estante bloqueia o livreiro, impedindo qualquer venda no período de um mês. Tal excesso de trabalho provocado pela inserção na estante virtual a torna uma desvantagem em situações em que as condições de venda são favoráveis e a proximidade com as técnicas já utilizadas no comércio físico suprem as necessidades do comércio. Entretanto, a presença da estante virtual se mostrou um fator diferencial na precificação dos livros, influenciando – àqueles que a usam – tanto nas estantes *on-line* como nas *off-line*.

A organização do acervo de sebos estava entre os objetivos iniciais do projeto da estante virtual. A catalogação dos exemplares amplia a rapidez não apenas do encontro do título desejado, mas também de edições, traduções, e estado físico específicos. Para isso o site é equipado com um sistema de filtros

---

<sup>21</sup> O Concurso literário da CCL (Câmara Catarinense do Livro) é realizado em Florianópolis durante a Feira Catarinense do Livro, desde 2001. A tiragens desses exemplares são baixas e apresentam autores locais.

que possibilitam fazer diversos recortes facilitando a busca e também ditando a precificação desses livros. Como observado durante o trabalho de campo, esses filtros se mostraram extremamente importantes para ambas as partes que dialogam dentro da plataforma – clientes e livreiros – tornando-se uma ferramenta da qual o seu uso extrapola os limites *on-line* interferindo na realidade *off-line*. Seja na rapidez por encontrar um livro necessário ou enquanto parâmetros para a atribuição dos preços de exemplares específicos.

Os filtros abrem um leque de possibilidades de recortes que tornam a tarefa de precificar um movimento de afunilamento onde o produto por si só - características físicas e grau de relevância na contextualização de seu tema - não é o suficiente para atribuir-lhe um valor específico, mas sim quando este está em relação a outro, localizado no mesmo segmento de recortes. Na minha experiência em campo, a determinação do preço de cada livro foi composta por cinco recortes: tipo de livro; ano de publicação; editora; descrição; e data do cadastro.

Ao comparar o sistema de precificação utilizado entre aqueles que fazem o uso da estante virtual e os que não fazem pude notar que os filtros possibilitam uma avaliação dos produtos mais complexa – principalmente os livros usados, já que os novos são avaliados de acordo com as livrarias. Assim, é necessário o preenchimento de uma ficha catalográfica que possua informações, que dentro da plataforma, possibilite o controle e organização do acervo por parte do livreiro e conseqüentemente, quando posto em comparação a um exemplar que possua as mesmas características, mesmo que a quilômetros de distancia, lhe é atribuído um preço similar. Desta forma modifica-se a maneira de comprar o livro usado, pois a estante virtual proporciona uma nova experiência de transação comercial tanto para os clientes e para os vendedores.

Agora que os campos foram apresentados pretendo circular por eles no próximo capítulo. Os sebos, livreiros, doações e a Estante Virtual são importantes pilares que impulsionam e realimentam o movimento realizado pelo livro usado. Além destes somei também o Museu do Lixo, em Florianópolis, que em duas bibliotecas disponibiliza diversos exemplares para a comunidade. Os materiais que já não podem mais fazer parte deste ciclo vão para a reciclagem, inserindo o livro em um outro caminho pela cadeia sustentável.

## Capítulo 2

### **Estrada de tijolos amarelos<sup>22</sup>**

O aspecto discreto que a maioria dos sebos assume, atribui-lhes uma invisibilidade seletiva atraindo apenas os olhares mais atentos, que conseguem distinguir, em meio a um amontoado de lojas, os pequenos estabelecimentos cuja principal mercadoria são os livros usados. Desde suas entradas até seu canto mais extremo sobrepõe-se às paredes e o chão, camadas e mais camadas de livros de todos os tipos, gêneros e estado. Normalmente estão divididos por categorias em estantes que se estendem até o teto. Entretanto, as pilhas aleatórias acumuladas pelo chão nos proporcionam dar de cara com o que procurava, ou nem sabia que procurava, ou ainda não encontrar o que procurava. Esta bagunça organizada divide seus frequentadores nos que enlouquecem e perdem a paciência e nos que perdem tempo e encontram tesouros.

Para Ivete, os sebos são lugares para “entrar e fuçar” e aqui em Florianópolis, como não havia sebos antes do dela, as pessoas se “acostumaram mal” quando ela cadastrou os livros. Perguntavam sempre no caixa se possuíam ou não os livros, com a negativa não chegavam nem a entrar no resto da loja. Desistindo de ter seu acervo reunido em um programa e na intenção de fazer com que seus clientes entrem e explorem os livros ela tirou os cadastros e até o computador que existia no caixa. Assim, agora quando o cliente chega, as vendedoras indicam a estante em que eles podem encontrar o que procuram e os deixam descobrindo outras coisas. Este é um exemplo da dinâmica de um sebo – maneira que em minha experiência pessoal foi a mais comum – entretanto, com a estante virtual a catalogação dos acervos é muito comum. A disponibilidade online proporciona que o cliente consulte o local que possui o que precisa e vai ao sebo apenas para pegar o livro, o que de fato, como diz Ivete, acaba com a exploração dentro destes espaços.

Apesar de ainda fisicamente os sebos serem muito semelhantes entre si – mesmo que desorganizados, buscam apresentar uma limpeza para retirar o estigma de local sujo e empoeirado como um depósito que colocam os livros

---

<sup>22</sup> <https://www.estantevirtual.com.br/busca?utf8=%E2%9C%93&q=O+Magico+de+Oz>

para dormir e por lá permanecem até serem encontrados pelos exploradores – a sua organização e dinâmica podem ser das mais diversas e a estante virtual exerce bastante influência.

O objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas. Ele é definido por sua própria contrastividade com relação a situação na qual ele se encontra (Heidegger 1971,p.167). A coisa por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião.(INGOLD, 2012 p.29)

Adentrando a morada dos livros e reconhecendo sua organização e dinâmica, chego ao ponto alto deste trabalho, os objetos. Ingold (2012) aponta os objetos como “um lugar”, não um lugar qualquer, mas um espaço delimitado por eventos que se acumulam em si conforme o tempo. Os sebos estão repletos destes lugares e imprimem diariamente nos livros novos “aconteceres” que se somam às impressões de suas vidas passadas escrevendo em suas páginas histórias paralelas àquelas que lhes foram impressas à tinta.

A “matéria em movimento, em fluxo, em variação” que Deleuze e Guattari (2004, p. 451) abordam – no contexto dos livros usados – é a sobreposição das vidas e espaços ocupados por estas coisas (INGOLD, 2012). No trabalho de campo, não pude fotografar o interior dos livros em todos os estabelecimentos entretanto, no contato que tive com estes objetos pude encontrar livros com suas folhas de rosto completamente escritas com longas dedicatórias; carimbos de sebos, livrarias ou bibliotecas em páginas aleatórias; ou ainda seus antigos preços ou donos escritos à caneta ou lápis. Um dos fatores mais importantes que possibilitam esta impressão de novas histórias em suas páginas é o caráter circulatório que o livro assume quando usado.

(...) faz parte do circuito a totalidade dos equipamentos que concorrem para a oferta de tal ou qual bem ou serviço, ou para o exercício de determinada prática, mas alguns deles acabam sendo reconhecidos como ponto de referência e de sustentação à atividade. Mais do que um conjunto fechado, o circuito pode ser considerado um princípio de classificação. Nesse sentido, é possível distinguir um circuito principal que engloba outros, mais específicos (...) (MAGNANI, 2002, p.21)

O circuito literário – em Florianópolis no caso – é composto por: bibliotecas, livrarias, feiras, sebos, doações e eventos; locais que tem como pretensão a circulação destes objetos. O circuito específico dos livros usados – que salvo as livrarias é encontrado em todos os outros pontos - se caracteriza pela volta dos livros ao processo de circulação. O próprio conceito de livro usado se dá por meio de sua reinserção no circuito – seja com objetivos financeiros ou não. Podendo ser introduzido em qualquer ponto, os livros usados levam consigo não apenas marcas impressas à tinta – de impressora, caneta ou carimbo –, mas também de manuseio, sujeira ou até de objetos esquecido dentro deles.

Neste capítulo pretendo abordar tal circulação e as marcas geradas por essa através das imagens que buscam localizar os livros-objetos (CAMPOS, 1994), os pontos do circuito e a relação dos livros e seu veículo – as pessoas. Em conjunto deste circuito físico acrescento a Estante Virtual como meio mais abrangente de dispersão dos livros e que hoje se tornou o maior catálogo de livros usados no país. Busquei seguir os livros até a sua “mercantilização terminal” – assunto que abordarei com mais detalhes do capítulo 3 – onde os livros finalizam o seu potencial lucrativo, entretanto, não necessariamente são retirados de circulação. Isso ocorre pela capacidade do livro em ser vendido ou doado sem perder seu valor simbólico.

Muitos livros que são publicados perdem logo o seu valor comercial não sendo interessantes para os sebos, onde apenas ocupam espaço – algo de extremo valor dentro dos sebos como se verá nas fotografias – e principalmente para os feirantes que como não tem um espaço físico fixo para as vendas, precisam ter uma garantia de retorno daquele exemplar para que valha a pena compra-lo e revende-lo. “Além de vender os livros eu quero que o meu ponto seja um ponto de *conversa, integração, de relacionamento* não é apenas um ponto de fazer venda” (grifo meu, Luiz livreiro da feira da UFSC). São estas as características que busquei identificar entorno dos livros-objetos.



## Seguindo os livros

(...) Pode-se concordar com Sylvia Caiuby Novaes quando ela afirma que “se um dos objetivos mais caros da antropologia sempre foi o de contribuir para uma melhor comunicação intercultural, o uso de imagens, muito mais do que o de palavras, contribui para essa meta, ao permitir captar e transmitir o que não é imediatamente transmissível no plano linguístico”. (ACHUTTI, 2004)

Para este capítulo escolhi trabalhar a circulação dos livros usados através das imagens, metodologia da qual eu quis usar desde o início da elaboração de meu tema. O uso das imagens em meu trabalho contribuiu para a análise do livro-objeto [usado] onde consegui mapear alguns espaços que contam com a presença destes objetos, sendo eles o foco ou não, como os sebos e os terminais de ônibus. Em um plano mais fechado busquei ressaltar suas páginas e capa e com isso tornar visíveis suas histórias de *vida* que passam despercebidas ao olhar desatento.

Para trabalhar as fotografias eu utilizei pranchas fotográficas das quais eu separei em cinco temas principais, relacionados ao seu movimento: Alcance; Venda; Caminhos; Marcas; Circulação e Descarte. Em cada temática as pranchas tem o mesmo objetivo, seguir o livro e circular pelos sebos e feira, esbarrar com ele no ônibus ou o acompanhar até seu descarte final ou seu novo dono. O *modelo de apresentação* (SAMAIN, 2004) que busquei construir é para ser observado como um todo – o conjunto de temas – e é atravessando cada tema que proponho percorrer o circuito do livro usado em Florianópolis – na região mais central e leste da Ilha.

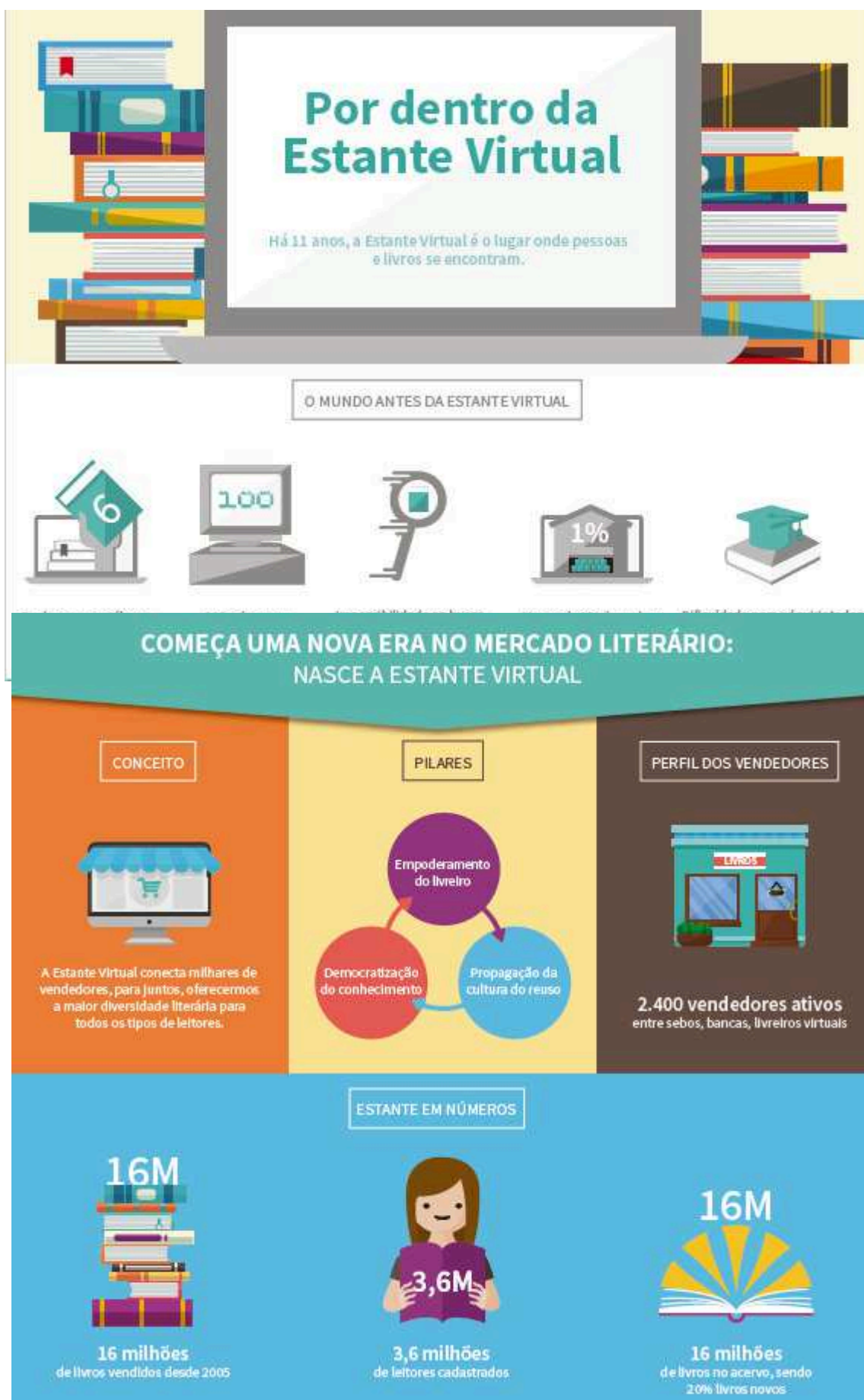
(...) a defesa, de um lado, de uma prerrogativa fotográfica na sua capacidade de evocar algo que o texto não sabe e nunca conseguirá expressar e, de outro, a necessidade de confessar que, na ausência de um comentário preciso, a “leitura” futura das pranchas fotográficas permanecerá frágil ou, pelo menos, problemática. (SAMAIN, 2004, p.54)

No início de cada tema existe um comentário geral das pranchas que o seguirão, com a intenção de uma leitura mais guiada das fotografias. Busquei complementar as duas formas de narrativas com o intuito de expandir as possibilidades de leituras e interpretação, visto que a predominância da escrita

no meu objeto de estudo não consegue compreender o caminho de si enquanto objeto [material], mas circula enquanto informação. Acredito que as fotografias possam trazer essa materialidade ao livro, como suporte desta informação e atribuir-lhes um corpo que interage com o meio e seus atores.

## **ALCANCE**

Essas pranchas trazem alguns infográficos que tem como objetivo quantificar a movimentação dos livros e também a leitura da população brasileira.



## CAMINHOS DA LITERATURA

Acompanhe os maiores trajetos percorridos por nossos livros no país:

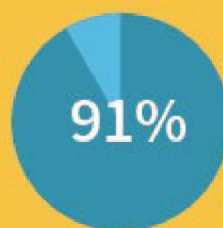


## PERFIL DOS LEITORES

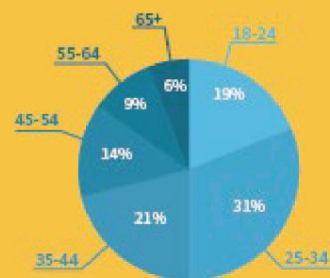
Estudantes, professores, intelectuais, leitores em geral



Gênero



Graduados ou cursando uma graduação



Idade

**estante virtual**

Dados: dezembro - 2016

**2 LIVROS**  
Segundo a Publish News

Quando olhamos para o ranking dos livros mais vendidos no mercado editorial brasileiro, a divisão de gênero dessas obras é a seguinte:

Observação: são consideradas apenas as vendas em livrarias.

**Gênero**

- AUTOAJUDA
- FICÇÃO
- INFANTOJUVENIL
- NÃO FICÇÃO
- NEGÓCIOS

**POSIÇÃO NO RANKING**

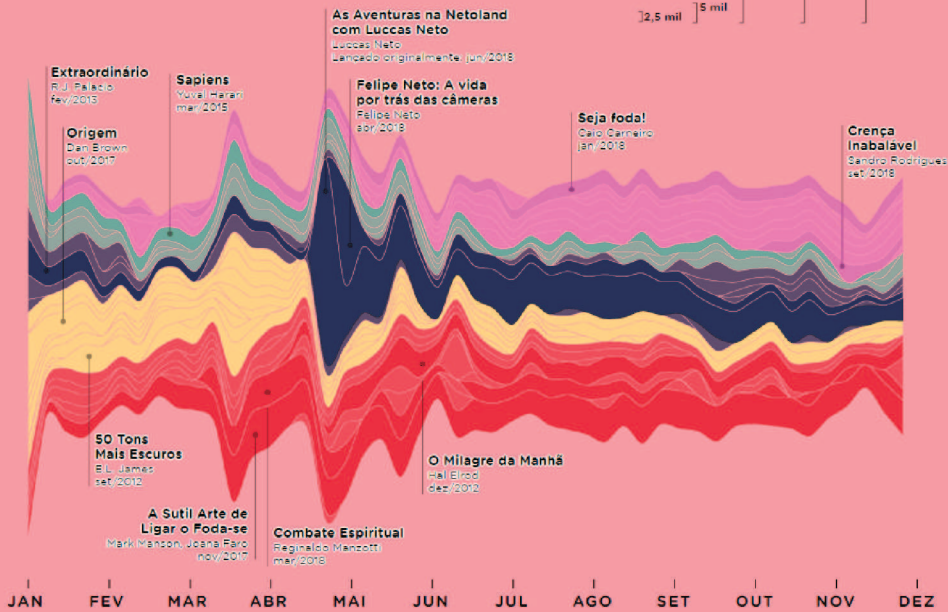


A partir do histórico de vendas por semana, livro a livro, dos principais sucessos editoriais, é possível observar a seguinte movimentação no mercado:

**Gênero**

- NEGÓCIOS
- NÃO FICÇÃO
- INFANTOJUVENIL
- FICÇÃO
- AUTOAJUDA

Cada faixa é um livro. A espessura da faixa é o volume de vendas, em exemplares



Observação: as categorias de gênero são definidas a partir do gênero principal indicado pelo Publishnews.

## VENDAS

Nas pranchas seguintes foquei nos locais de venda – mesmo que a própria ideia de circulação torne incerto definir um ponto de partida optei atribuir à venda de livros como tal, pois são locais que impulsionam o seu movimento com maior eficiência.

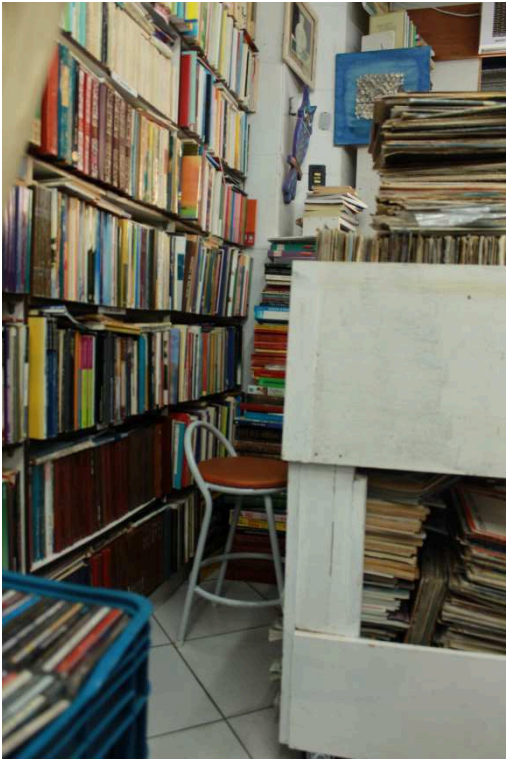
# OS SEBOS

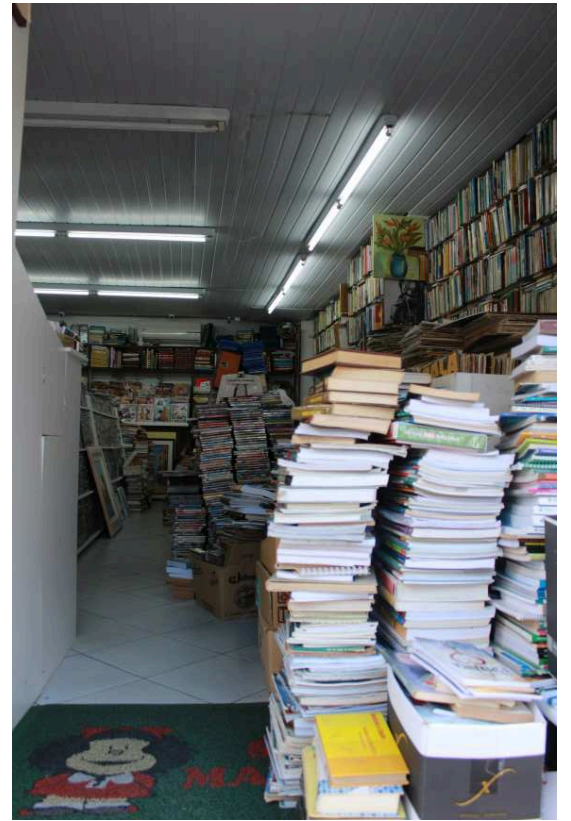
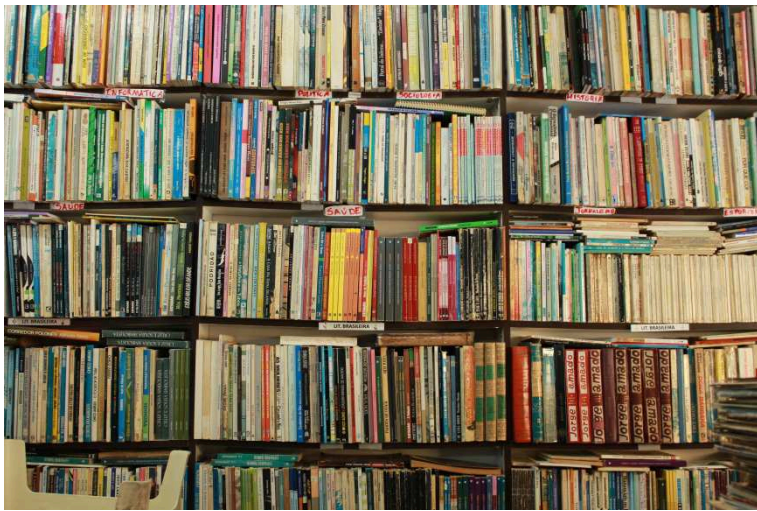
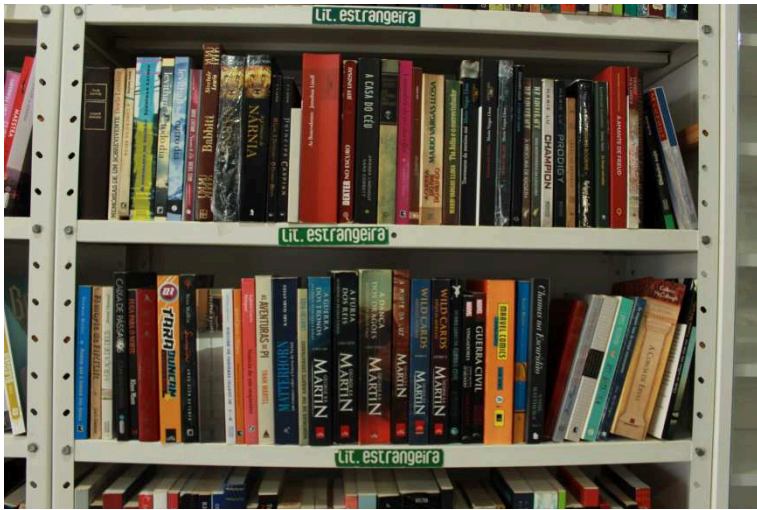


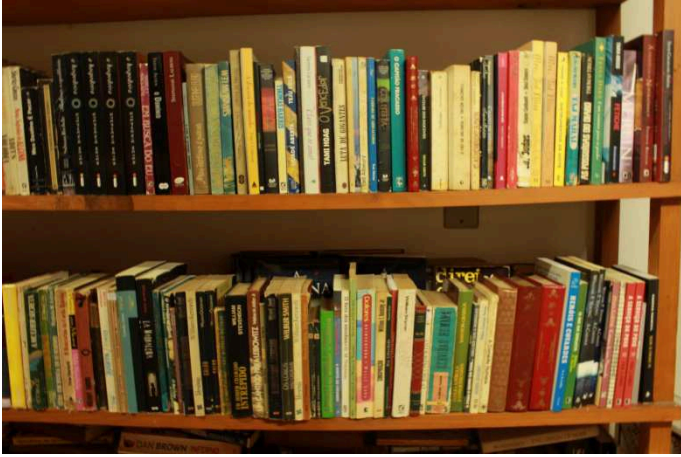












# AS FEIRAS



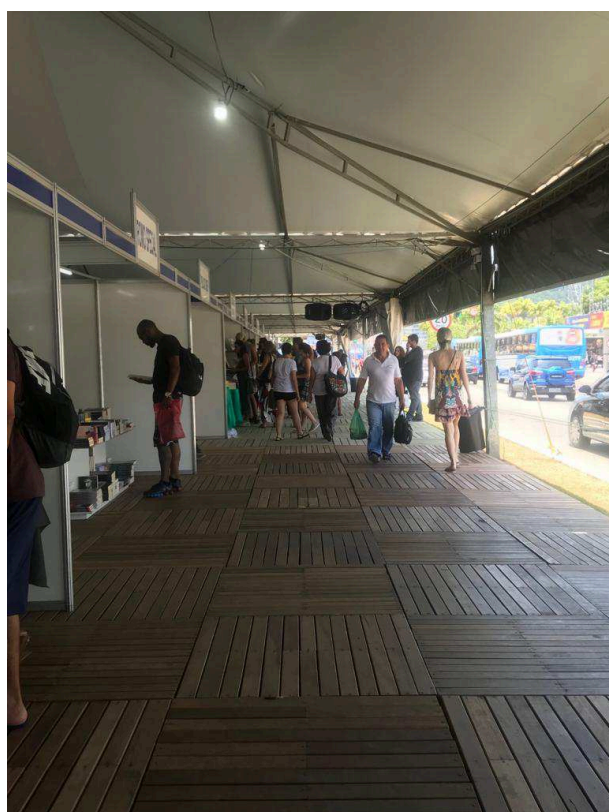
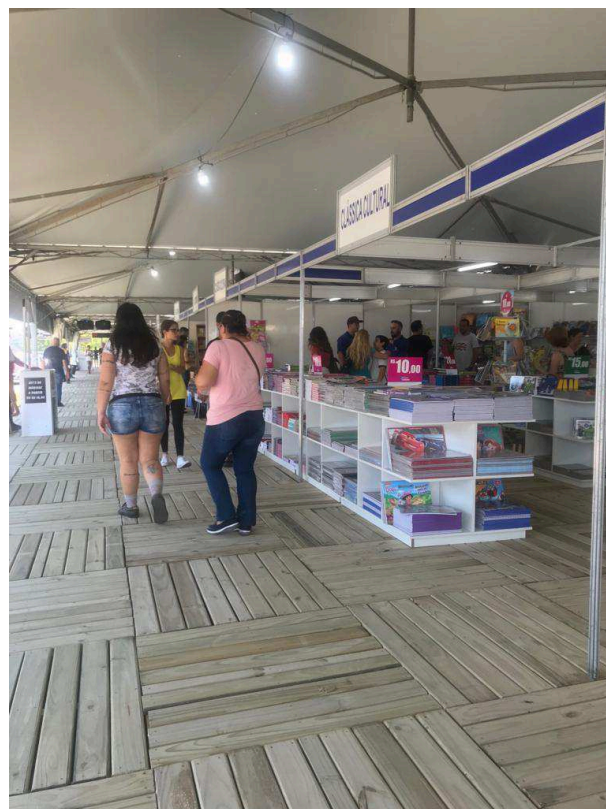


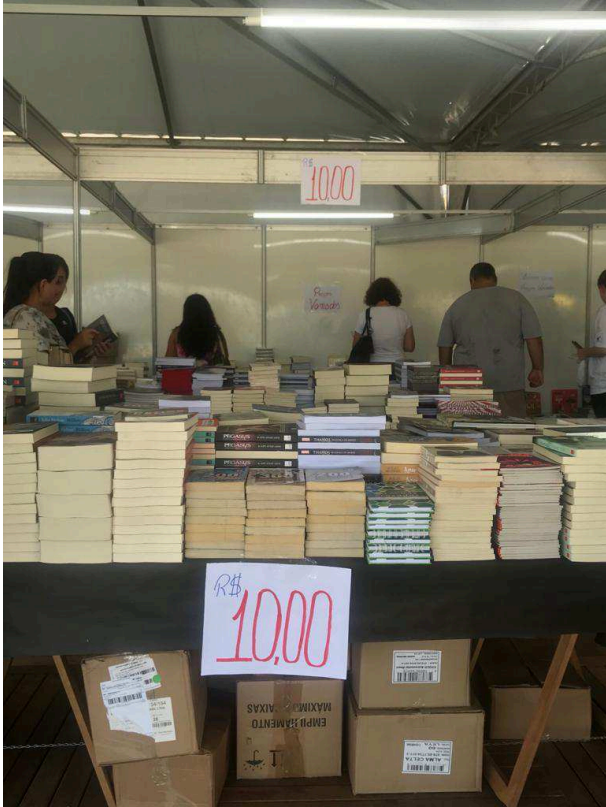






# FEIRA DO LIVRO DE FLORIANÓPOLIS



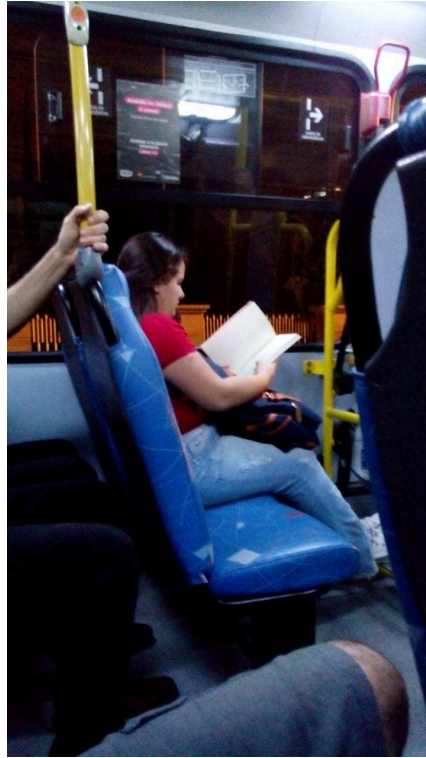


## CAMINHOS

Apesar da forte influência digital em Florianópolis - através dos *smatphones* - é possível encontrar pessoas carregando e lendo livros em alguns lugares da cidade, como na UFSC que durante as feiras de quarta é bem comum ver pessoas deitadas na grama e lendo. Ou então nos terminais de ônibus e dentro deles.

.





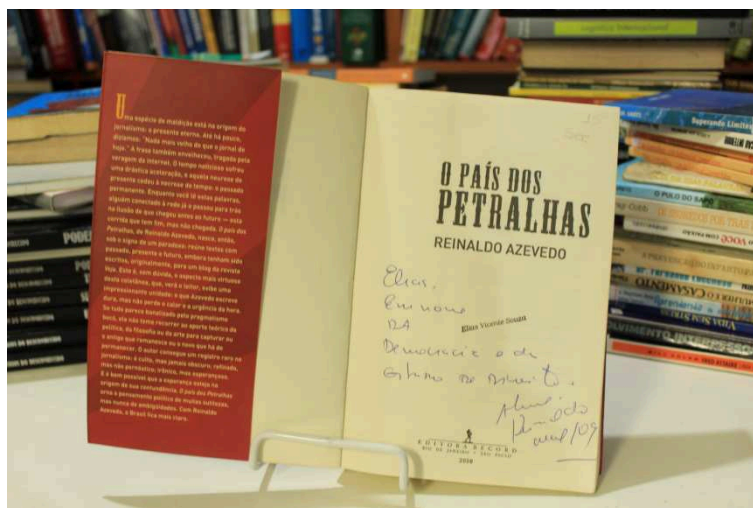
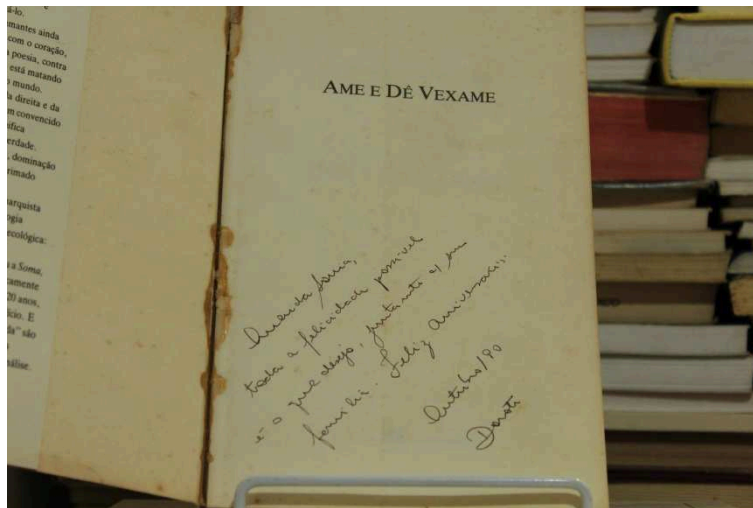
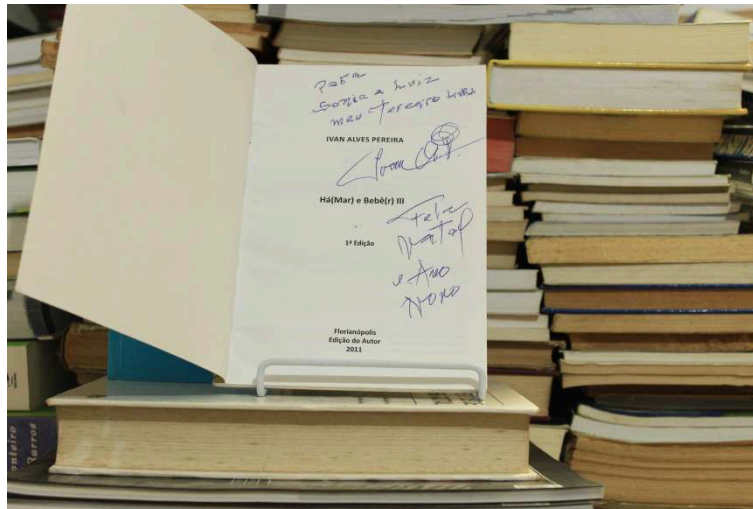


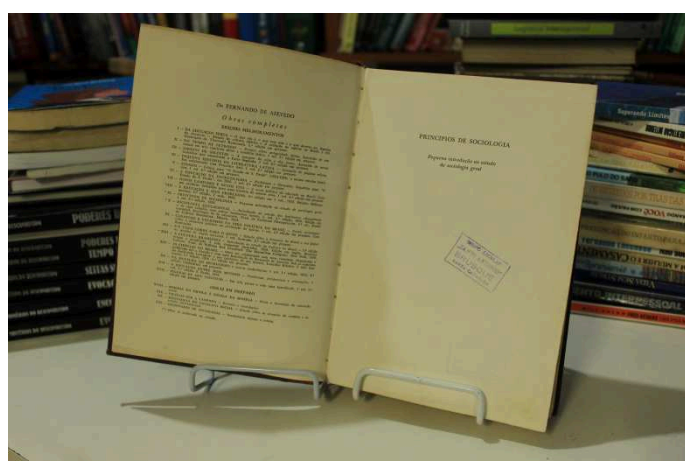
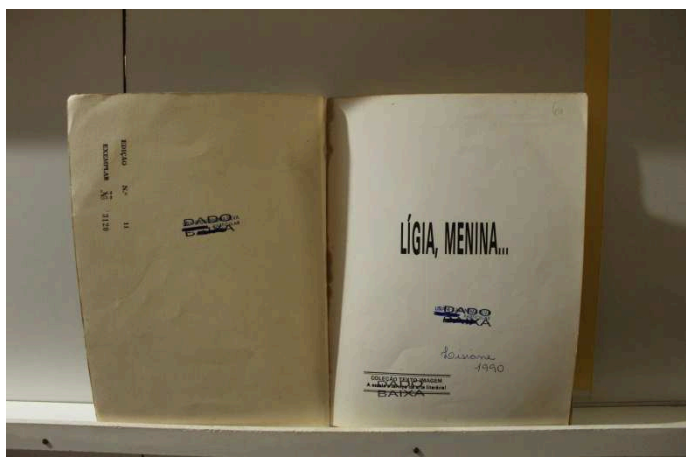


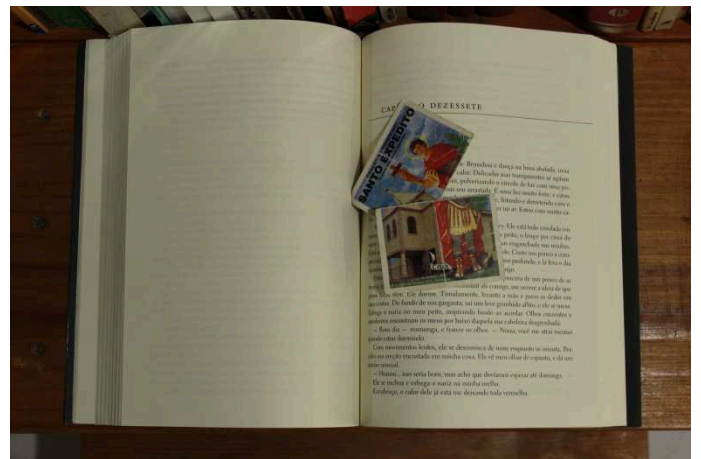
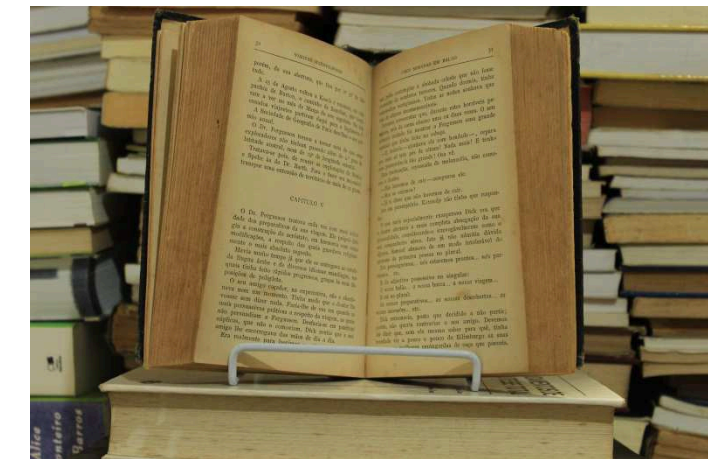
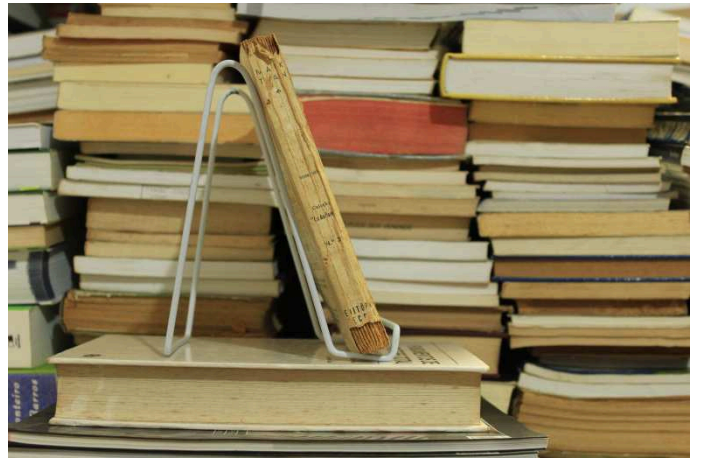


## **MARCAS**

As histórias de vida dos livros compreende todo o seu movimento desde sua editoração e é constantemente registrada em suas páginas, lombada e capa. No tema “marcas” trouxe estes registros impressos, rasgados e manchados o que me possibilitou entender melhor o livro enquanto um objeto possuidor de biografia (KOPYTOFF,2008).







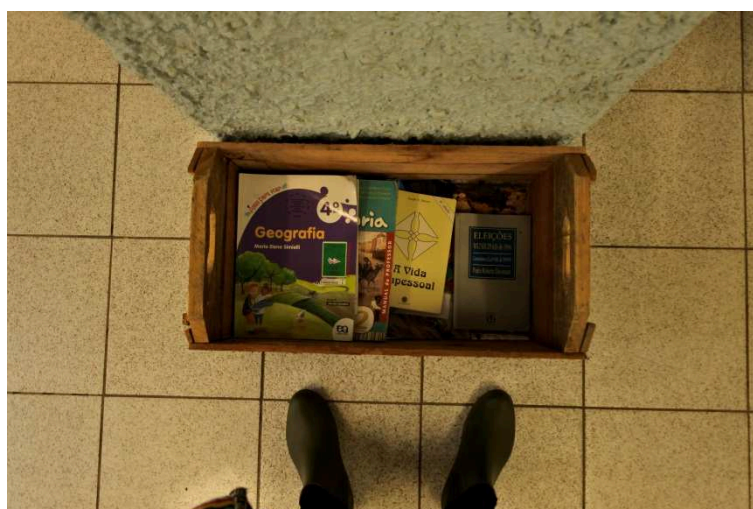
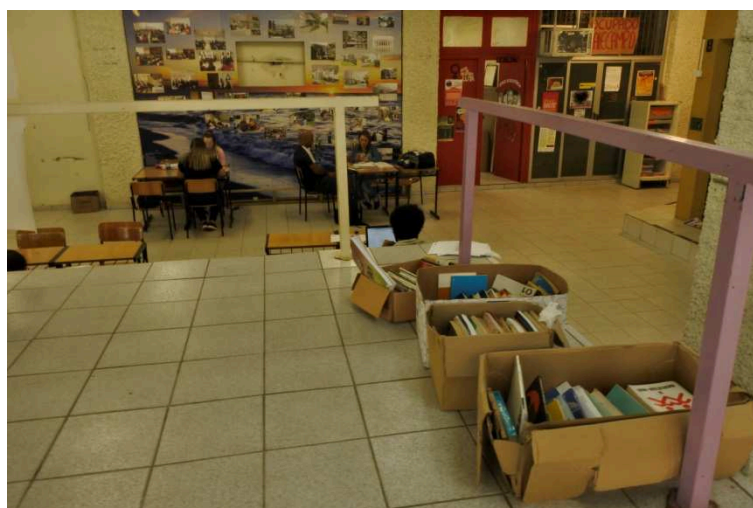
## CIRCULAÇÃO E DESCARTE

No tema “circulação e descarte” eu sigo esses livros até dois finais possíveis: a doação – que acaba por colocar o livro de volta a circulação – e a sua mercantilização terminal – que se dá através da proibição de venda de determinados exemplares ou sua parada no lixo. O museu do lixo<sup>23</sup> faz ainda mais duas seleções aos livros que vão parar em suas mãos: a primeira eles retiram livros de literatura e em melhor estado e os colocam em sua biblioteca que é acessada pela população e visitantes com hora marcada; e a segunda são livros e revistas que ainda tenham algum valor – neste caso me refiro ao valor educacional de livros didático, por exemplo, edições muito antigas e desatualizadas perderiam esse valor – e os disponibilizam em um biblioteca externa que fica aberta ao público que pode conhecê-la e pegar os livros e revistas. Esta biblioteca também serve de ponto de coleta para novos exemplares, pois ela está disponível para a retirada ou descarte de livros sem a necessidade de autorização.

---

<sup>23</sup> Projeto de educação ambiental realizado dentro da Comcap busca conscientizar a população da produção de resíduos e consumo consciente.

# DOAÇÕES

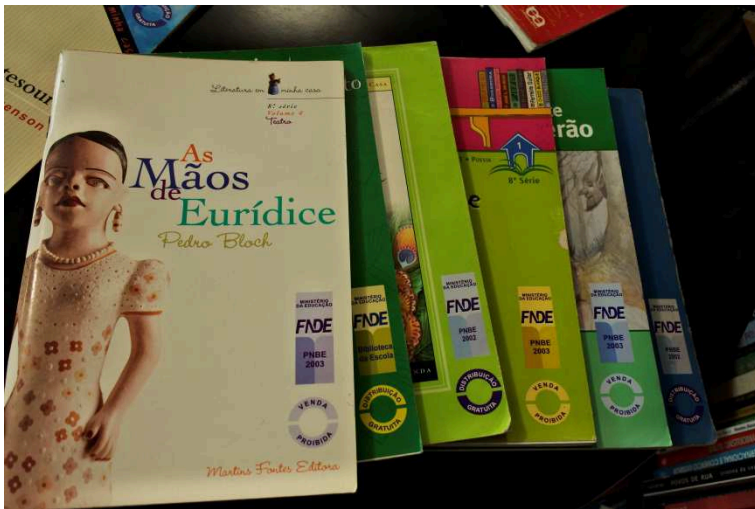








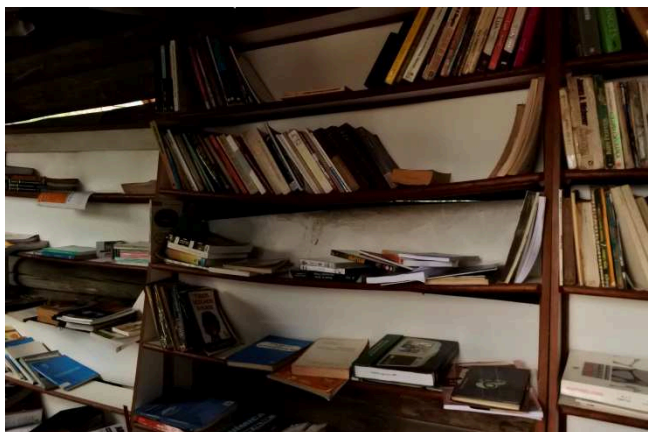
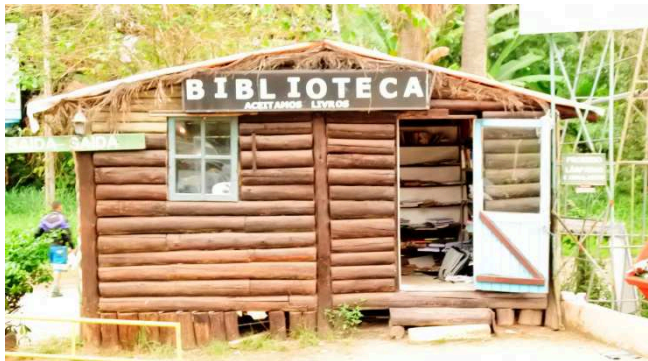
# VENDA PROIBIDA



# MUSEU DO LIXO







## Capítulo 3

### Valor do livro

#### TAXA

Eu, João Gallo de Andrada, escrivão de câmara do rei nosso senhor, dos que residem no Conselho, certifico e dou fé que, tendo-se visto pelos senhores dele um livro intitulado O engenho fidalgo de la Mancha, composto por Miguel de Cervantes Saavedra, taxaram cada caderno do dito livro em três maravedis e meio: o qual tem oitenta e três cadernos, que, ao dito preço, e deram licença para que o preço se possa vender, e mandaram que esta taxa se ponha no começo do dito livro, e não se possa vender sem ela. E, para que dele conste, dei a presente, em Valladolid, aos vinte dias do mês de dezembro de mil seiscentos e quatro anos.

João Gallo de Andrada  
(CERVANTES, 1978)

Neste capítulo irei analisar o valor do livro em dois âmbitos distintos: o monetário – do qual irei destrinchar algumas formas de precificação dos exemplares seja no sebo ou na estante virtual; e o simbólico – onde apresentarei um contexto histórico que atribuiu ao livro o *status* de portador conhecimento que ainda é amplamente difundido pelos veículos de mídia e como em certas situações esse *status* lhes empregam um determinado poder. A dupla face do valor atribuído ao livro torna ambígua sua biografia enquanto objeto, caracterizando-se ora mercadoria, ora bem singular. Como proposto por Kopytoff (2008), a mercantilização e a individualização ocorrem de maneira processual, não existindo sistemas econômicos que ocupem os extremos, mas fluem por estas características de acordo com diversos fios vitais (INGOLD, 2012) que compõe as coisas.

### Valor monetário

Antes de falar sobre a precificação dos livros primeiramente preciso conceitua-lo enquanto “algo que tem um valor de uso e que pode ser trocado

por uma contrapartida numa transação descontínua, sendo que o próprio fato da troca indica que contrapartida tem um valor equivalente, dentro de um contexto imediato” (KOPYTOFF, 2008, p.95), ou seja, uma mercadoria. Nesse capítulo pretendo entender como são atribuídos esse valor monetário em dois espaços diferentes: nos estabelecimentos físicos – sebos, feiras e ruas – e virtualmente – por meio da estante virtual.

Em espaços físicos como os sebos e a feiras encontrei 3 tipos de atribuição do preço de acordo com: tabela; experiência; e *marketplaces*.

RS	RS	RS
A = 1,90	A1 = 6,20	A2 = 22,00
B = 1,20	B1 = 6,40	B3 = 24,00
C = 1,40	C1 = 6,80	C2 = 26,00
D = 1,60	D1 = 6,80	D2 = 28,00
E = 1,80	E1 = 7,00	E2 = 30,00
F = 2,00	F1 = 7,20	F2 = 32,00
G = 2,20	G1 = 7,40	G2 = 34,00
H = 2,40	H1 = 7,60	H2 = 36,00
I = 2,60	I1 = 7,80	I2 = 38,00
J = 2,80	J1 = 8,00	J2 = 40,00
K = 3,00	K1 = 8,20	K2 = 42,00
L = 3,20	L1 = 8,40	L2 = 44,00
M = 3,40	M1 = 8,60	M2 = 46,00
N = 3,60	N1 = 8,80	N2 = 48,00
O = 3,80	O1 = 9,00	O2 = 50,00
P = 4,00	P1 = 10,00	P2 = 52,00
Q = 4,20	Q1 = 11,00	Q2 = 54,00
R = 4,40	R1 = 12,00	R2 = 56,00
S = 4,60	S1 = 13,00	S2 = 58,00
T = 4,80	T1 = 14,00	T2 = 60,00
U = 5,00	U1 = 15,00	U2 = 62,00
V = 5,20	V1 = 16,00	V2 = 64,00
W = 5,40	W1 = 17,00	W2 = 70,00
X = 5,60	X1 = 18,00	X2 = 75,00
Y = 5,80	Y1 = 19,00	Y2 = 80,00
Z = 6,00	Z1 = 20,00	Z2 = 85,00

O sebo da Ivete utiliza uma tabela como método de precificação de seus exemplares. A tabela de preços foi criada pela própria Ivete – depois de já ter utilizado a estante virtual por um tempo – e tem como finalidade agrupar os livros

em faixas de preço correspondente á procura do título – em um âmbito mais geral ou localmente –, ou seja, se baseando na oferta e na procura. Com essa base de classificação de preços os livros frequentemente oscilam entre as faixas de preço e quando isto acontece Ivete pega todos os exemplares de determinado título e modifica seus preços – a organização e o pessoal possibilita esse frequente descolamento de valores. Porém não são todos os livros que se enquadram nas categorias da tabela ou de seu preço máximo – de 90 reais. Estes são avaliados um por um pela Ivete que utiliza a Estante Virtual, a Amazon, a Livraria Cultura e dificilmente a Livros e Livros.

Em feiras os livreiros de rua possuem precificação variada, um de meus interlocutores – que trabalha no comercio de livro desde a década de 90 – baseia-se em dois principais métodos de precificação: a consulta em *marketplaces* – como a estante virtual – onde localiza seus exemplares sempre entre os mais baratos; e a intuição – resultado de anos de experiência enquanto livreiro. A avaliação na hora de comprar livros para a revenda resulta da experiência, possibilitando que suas avaliações sejam feitas de maneira imediata para não “perder o seu nem o tempo do cliente” (Luís). Na aquisição

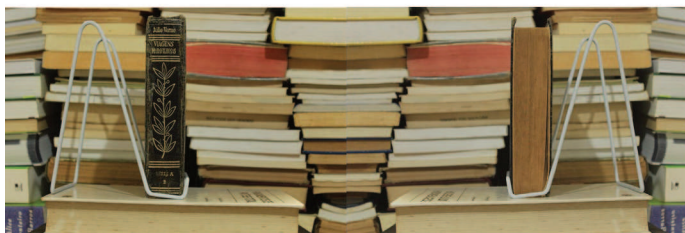
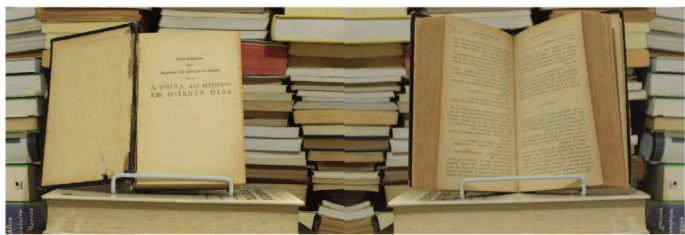
de exemplares faz um preço pra troca cerca de 20% a mais do preço pra venda.

Na index, a maior parte dos livros, que já estavam na loja quando foi comprada, tem o valor anotado na primeira página, os que já foram cadastrados tem esse número apagado e é colocado ali o preço que está na estante virtual arredondado para cima. Assim, os livros que estão no sebo acabam recebendo um valor mais alto anotado em suas páginas iniciais que os cadastrados na Estante Virtual. Em conversa com a gerente do sebo ela relata que o contato entre cliente e livreiro durante o momento de transação, conversas e compartilhamentos sobre o mundo dos livros, por fim acabam resultando em descontos nos valores anotados na capa.

Na Estante Virtual, local em que a negociação se torna mais difícil porém ainda acontece, o processo de precificação acaba sendo mais complexo, pois neste caso é necessário um cadastro do qual uma série de filtros são levados em consideração para a atribuição do preço de um exemplar específico. É importante ressaltar que no momento de cadastrar um livro na estante virtual são levadas em consideração uma série de fatores e características físicas do livro, atribuindo diversos valores a um mesmo título. O preço é escolhido entre estes valores de maneira subjetiva, com base onde aquele exemplar se encaixou em comparação aos seus semelhantes.

## Cadastro

Os cadastros na estante virtual são realizados da seguinte forma:



### ***Tipo do livro***

Este primeiro filtro estabelece o estado inicial do livro. O livro no estado de novo não está relacionado se ele é recente ou foi ou não lido, mas o quanto foi manuseado e quantas marcas este apresenta. Quando há sinais é aconselhável utilizar a descrição seminovo, que já se imagina um certo manuseio. Já os usados são aqueles marcados pelas idas e vindas de mãos, sebos, bibliotecas, crianças e etc. São aqueles que carregam histórias para além das que lhes estão impressas à tinta.

### ***Idioma***

Aqui é caixa aberta para escrever qual(s) idioma(s) o corpo do texto está.

### ***Título***

O título do livro é a principal maneira que o cliente chega até o seu livro de maneira direta. A estante virtual possui um mecanismo de pesquisa que permite pouca variação ortográfica, ou seja, escrever o título com a menor variação pode excluí-lo da busca pelo exemplar correto. No momento da comparação é importante verificar a grafia de seu título com os demais e transcrever o título da folha de rosto, para evitar confusões.





### ***Autora***

Os cuidados a serem tomados com o nome dos autores são os mesmos necessários ao título. Porém, há publicações que possuem mais de um autor ou foram publicados em nome de alguma instituição, é importante que o cliente diferencie o livro que ele quer de outros títulos semelhantes. Quando não se encontra a ficha catalográfica coloca-se o nome que tiver em destaque ou “sem nome de autor”.



### ***Editora/Ano/Edição***

A editora, o ano e a edição são importantes categorias para localização não apenas do título, mas da tiragem daquele exemplar que você tem as mãos. Assim você delimita os exemplares apropriados para a comparação e por fim a precificação.

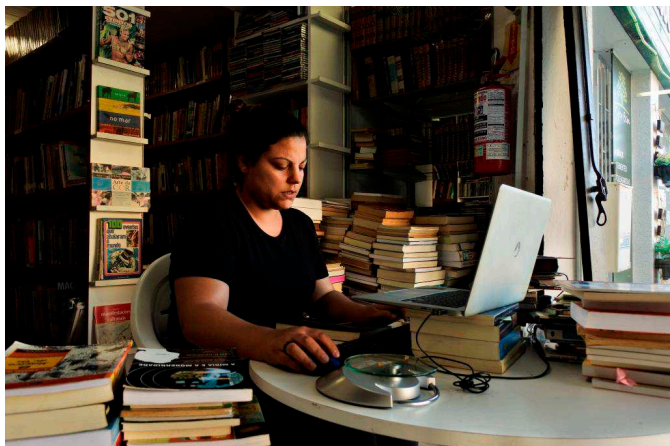
### ***Peso***

O peso implicará no valor do frete a ser cobrado do cliente.



### ***Descrição***

É necessário relatar cada marca presente no livro no espaço da descrição. Entre os diversos vendedores, a maneira de criar a descrição é bem diferente, uns colocam a sinopse, outros repetem o tipo selecionado acima, detalham seu estado físico ou tem uma descrição pronta do estabelecimento que pouco ou nada diz sobre o livro. Na index – onde pude trabalhar

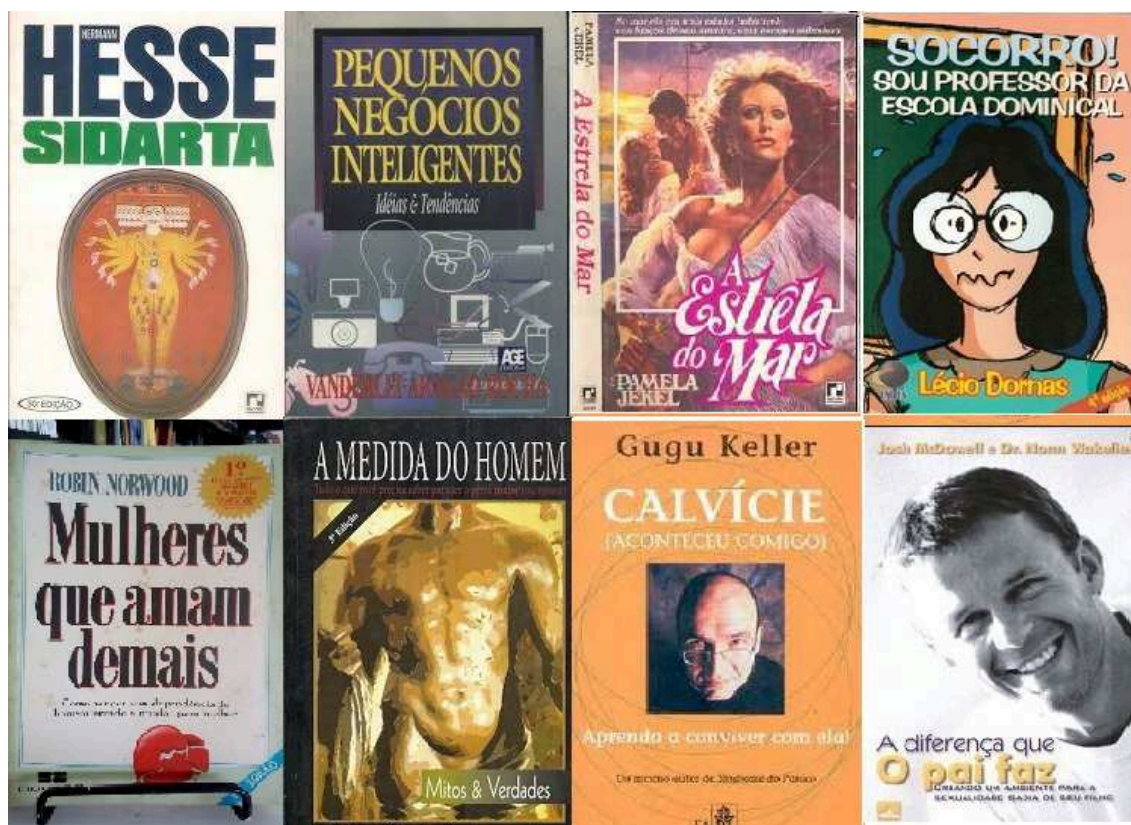


no cadastramento dos livros - utilizavam-se algumas frases prontas que compreendiam estados físicos recorrentes dos livros que ali chegavam.:

### Local na Livraria

O local na livraria serve para a organização interna dos livreiros, assim fica mais fácil conseguir encontrar o exemplar quando este for vendido. No processo de catalogação dos livros onde existem livros cadastrados e outros não, a informação é muito útil, pois o livreiro tem até 48h para enviar o livro vendido através da estante virtual. Quando o mesmo não é encontrado duas são as opções dos livreiros: comprar o mesmo livro de outro lugar – de forma a não sair no prejuízo – ou cancelar a compra. Ao cancelar a compra o livreiro se sujeita a uma avaliação ruim por parte do cliente.

### Capas



As capas utilizadas para ilustrar o livro cadastrado não precisam ser necessariamente a fotografia do livro que temos em mãos, mas uma imagem que traga a mesma ilustração correspondente ao título> autor> Editora> Ano> Edição. Todas essas maneiras de preenchimento dos dados durante o cadastro possibilitam que o livro daquele livreiro específico consiga a preferência do cliente e principalmente que o livreiro não seja mal avaliado pelas informações não condizerem com o estado real do livro.

### **Preço**

Por fim, ao terminar de preencher a ficha de cadastro se tem todas as informações que são necessárias para atribuir-lhe um preço. Volta-se à página inicial da estante virtual e procura-se primeiro pelo título do livro cadastrado, com filtro do nome do autor e da editora. A partir dos exemplares disponíveis compara-se o livro recém cadastrado com os três mais baratos do mesmo ano e mesma edição. A comparação feita é do estado físico de seu objeto-livro (DELGADO,1999) e colocado, de acordo com suas características físicas, na faixa de preço que julgar correspondente. Uma boa descrição do estado de conservação na hora do cadastro garante a escolha do produto e também evita avaliações ruins. E por fim sou eu quem – no caso a pessoa que está cadastrando - que resolve qual o preço para o exemplar. Está última parte permite uma atribuição subjetiva – dentro de uma margem de poucos reais ou até centavos – do preço do livro.

A precificação dos livros usados é atribuída de maneira bastante subjetiva de um livreiro para outro, não existindo uma maneira padronizada, mesmo os que se baseiam em um determinado *marketplace*. A escolha depende também de qual o objetivo com a venda, pois mesmo que o seu objetivo seja lucrativo, em diferentes contextos os preços são maiores – quando se trata de indivíduos se desfazendo de seus bens – ou menores – no caso dos livreiros que possuem uma quantidade maior de exemplares e assim conseguem diminuir seus preços e aumentar a quantidade de produto vendido. Mesmo que todos os tipos de vendedores de livros busquem o lucro de sua atividade a circulação deste objeto se sobrepõe ao mercado, sendo uma mercadoria que é trocada e doada frequentemente, ou seja, a circulação do livro na sociedade não se pauta somente na sua mercantilização. Inclusive é

uma mercadoria que tem a sua mercantilização terminal (KOPYTOFF, 2008) atribuída com frequência em: livros didáticos governamentais; doações de edições específicas para projetos sociais – como o *Leia para uma criança*<sup>24</sup> do Itaú; Livros que pertencem – são carimbados – às bibliotecas públicas e etc. Estes exemplares possuem um aviso em suas capas proibindo a venda, sendo livros disponíveis apenas para empréstimo ou doações. Na Estante Virtual existe um arquivo em PDF que indica aos livreiros uma lista sobre livros de venda proibida ou restrita e também os motivos para que outros títulos deste teor não sejam cadastrados. Um dos títulos da lista *Apanhador do campo de centeio* de J. D. Salinger, editora do Autor, teve sua venda proibida devido a “decisão liminar do juiz da 12º Vara Cível da Comarca do RJ que proibiu a comercialização de qualquer edição do livro no site”<sup>25</sup>. Entre outros títulos, *Mein Kampf*, escrito por Adolf Hitler também consta nesta lista.

Os motivos levantados pela estante virtual, em seu comunicado, compreendem diversos títulos que vão para além dos mencionados na lista de proibidos. Somados aos livros considerados sem valor comercial pelos livreiros – mais experientes – compõe o que chamei aqui da auto regulação do mercado de livros usados, dado que:

A comercialização de livros usados não está sujeita ao cumprimento de legislação específica, sendo tratada como negócio comum. Da mesma forma, o benefício previsto no artigo 150 da Constituição Federal, que prevê “não incidência de tributos para a comercialização de livros”, não se aplica a essa modalidade de negócio, por tratar-se de livros usados. (SEBRAE, p.06)

Esta auto regulação do mercado de livro ocorre nos sebos, sendo eles parte importantíssima para a inserção de novos exemplares neste nicho. Isso acontece através da compra de lotes de livros<sup>26</sup> e das doações, que foram abordadas no último capítulo, também são responsáveis pelo abastecimento de exemplares. Dificilmente os livreiros compram um livro de cada vez – mesmo

---

<sup>24</sup> Uma campanha realizada pelo banco Itaú, junto ao Itaú Social. Através de editais uma equipe especializada seleciona títulos para publicação e distribuição gratuita. Para mais informações: <https://www.itaubank.com.br/crianca/>

<sup>25</sup> Informações retiradas do site da Estante Virtual, em local de acesso exclusivo á livreiros.

<sup>26</sup> São conjuntos de livros que chegam de um mesmo destino – cliente. Este termo é utilizado no presente trabalho para os livros comprados por livreiros, sendo um ou mais.

que os avalie individualmente – normalmente eles chegam aos montes que são avaliados e a eles atribuídos um valor total.

Por exemplo, ó você chega aqui com essa pilha de livros... Não sei se é isso que tu quer. Só que esse livro aqui ó... Esse livro aqui é um livro que eu já conheço, o Instinto do vencedor deve ser autoajuda. Aqui psicologia. Então esse livro aqui é um livro que sai bem, então eu vou vender este livro por dez reais. Esse aqui ó também é um livro que sai bem, também vou vender também por uns dez reais. Ai eu pego... deixo aqui separadinho. Só que esse aqui ó, eu não consigo vender por dez então vou vender por cinco. Ai esse aqui ó também P1<sup>27</sup>, consigo vender bem. Só que esse já não, porque eu tenho muito ó, então esse por cinco e esse aqui por três. E esse aqui tem bem mais, então esse eu vou vender por um. (Ivete, diário de campo)

Na citação a cima, Ivete me explica como ela avalia a compra de um lote. Entretanto, o que eu quero chamar a atenção aqui é a diversidade de valores encontrados em um mesmo lote de livros. A venda dos livros para os sebos tem as mais diversas motivações: por precisarem de dinheiro, de espaço, diminuir a quantidade de coisa, não querem mais, era de um ente falecido, troca por outros títulos, etc. A motivação para a venda de lote geralmente modifica a relação da pessoa com os livros, que às vezes resultam em certa frustração quando é oferecido um valor pelo lote – normalmente bem mais baixo do que as pessoas esperariam. A avaliação se inicia pela análise dos títulos. No comércio de livros usados existe uma circulação maior de alguns gêneros como a literatura, ciências humanas no geral, religião e esoterismo, autoajuda e empreendedorismo. Em um mesmo sebo é possível encontrar dezenas de exemplares do mesmo título. Os livros clássicos e best-sellers são publicações que tem muitas tiragens pelo sucesso e vão parar no sebo com mais frequência, jogando seus preços lá para baixo – o preço aumenta de novo para um mesmo título de acordo com a edição. Portanto, para que o sebo consiga lucrar com a venda do livro precisa compra-lo muito mais barato. O intervalo de preço que a Index compra esse tipo de título é de 0,50 centavos à 5 reais - para esses exemplares de maior tiragem –, ela vai considerar: Título; Edição; Estado físico do exemplar; Quantidade destes na loja e na estante virtual.

---

<sup>27</sup> Classificação de preço em sua tabela.

Caso chegue a suas mãos um exemplar que não se encaixa nessas duas categorias ou os filtros indicaram que é uma edição mais cara ou existem poucos exemplares similares a este na estante virtual ela pode oferecer mais. Quando ela fica interessada em apenas um livro de um lote que há cerca de 20 exemplares, oferece o valor comercial do livro mais caro pelo lote todo, o que acaba sendo uma quantidade maior do que se o dono dos livros acabasse querendo vender individualmente.

No Sebo da Ivete o sistema de avaliação para a compra de livros para o acervo é feita de maneira mais engessada que na Index – como explicado acima. A maioria dos livros tem um preço de venda fixo – tabelado. O preço de compra dos lotes é atribuído aqui pela classificação dos títulos e edição na tabela, realizada da seguinte forma: na troca com algum produto do sebo o livro sai pela metade do preço fixado na tabela; na venda ele sai pelo valor fixado na tabela dividido por três. Os que não se encaixam nesta tabela são repassados para a Ivete que costuma avaliar livro por livro.

É na relação entre a venda e a troca que o livro se valoriza. Quando chega com um lote de alguns livros em um determinado estado de conservação, este será avaliado e o seu preço será atribuído de acordo com os parâmetros utilizados por cada livreiro – fazendo os devidos descontos de seus lucros. Neste momento é que a dona do lote se surpreende ao ver uma coleção de capa dura de clássicos da literatura com 20 exemplares por 20 reais.

Entretanto, quando a pessoa não enxerga o negócio enquanto lucrativo para si os livreiros apresentam a opção de troca, onde estes mesmos livros provavelmente valerão 50 reais na troca por livros do sebo. A dupla função de mercadoria e moeda assumida pelos livros neste momento – dualidade esta que se apresenta mais vantajosa economicamente que a compra por meio do dinheiro - retroalimenta seu mercado, ou seja, o consumo da informação através do livro-mercadoria é pago pelo livro-moeda.

### **Valor simbólico**

O valor simbólico atribuído ao livro nesta parte remete a maneira pela qual foi construída uma relação entre sociedade e objeto – pois a relação pessoal que cada indivíduo estabelece com este objeto varia em âmbito do contato. O que eu procuro pontuar aqui é o significado atribuído ao objeto-livro

(DELGADO,1999): portador do conhecimento; *status* socialmente enraizado e que continua sendo reforçado. Para apresentar o livro e seu valor simbólico preciso contextualiza-los historicamente primeiro.

“Um incentivo à literatura, dentro do que se convencionou chamar de *Renascença Carolíngia*, proporcionou à editoração um excepcional desempenho” (CAMPOS, 1994, p.135), pois eram nos monastérios onde se transcreviam os livros a mão – seja na língua original ou em traduções, até o século XII, e com estes exemplares que construíram as suas bibliotecas. “O comércio livreiro, muito ativo durante a Antiguidade, desapareceu com o advento do cristianismo e da barbárie”, “durante maior parte da Idade Média, era encontrado quase que exclusivamente nos claustros. Com o nascimento das universidades, no século XIII, o livreiro (*stationarius*) e seu comércio ressuscitam” (CAMPOS, 1994, p. 163), não como agentes autônomos, mas como um braço regido pelas leis das universidades.

A xilografia contribuiu para a impressão de mais exemplares, duas publicações do século XV que popularizaram os livros foram: as escrituras sagradas ilustradas – para a compreensão da população analfabeta, a maioria da época – e a *Biblia pauperum* – Bíblia dos pobres – uma versão resumida da Bíblia impressa em pequeno formato que era mais acessível.

A preocupação de Manúcio<sup>28</sup> não se limitou a pôr em letra de fôrma os clássicos gregos e latinos, especialmente gregos, na língua original. Ele igualmente se preocupava com a circulação dos livros, certo de que deviam ser feitos para a leitura do maior número possível de pessoas. Por isso, entendendo que um formato menor, além de facilitar o manuseio, reduziria o custo e, conseqüentemente, tornaria o preço de venda mais acessível ao público, Manúcio pôs-se a imprimir no formato in-8° importantes manuscritos gregos, latinos e italianos. (CAMPOS, 1994, p.181)

Depois da massificação através da imprensa, os livros tornaram-se ainda mais acessíveis. Facilitando o surgimento de organizações populares.

Uma prova histórica da força da imprensa foi a rápida vitória da reforma religiosa iniciada por Lutero em 1517. Pode-se mesmo supor

---

<sup>28</sup> Aldo Manúcio (Aldus Pius Manutius), nascido em 1450, na aldeia de Bassiano, ao sul de Roma, foi um apaixonado helenista. Sua tipografia, em Veneza, montada em 1490, tornou-se uma espécie de centro cultural que reunia sábios humanistas igualmente interessados no estudo e na publicação dos clássicos gregos. (CAMPOS, 1994, p.180)

que aquele movimento contra a Igreja católica não teria acontecido sem a tipografia, que possibilitou a impressão de milhares de panfletos e de opúsculos de propaganda das ideias reformistas a preço acessível ao público. Folhetos e catecismos de Lutero foram impressos aos milhares. Mais de 100 edições do Novo Testamento, correspondendo a 20.000 exemplares, saíram no período compreendido entre 1519 e 1534. Na França, onde Calvino liderava a Reforma, foram impressos, algumas décadas depois, entre 1550 e 1564, muitas Bíblias e Novos Testamentos, num total de 59 edições, só em francês, fora as latinas, espanholas, italianas e gregas. Dos escritos de Calvino, aliás, no mesmo período, os números são ainda mais altos, pois foram publicadas 256 edições, 160 das quais em Genebra, grande centro impressor das ideias reformistas. (CAMPOS, 1994, p.186)

O livro, impresso e em formato menor e mais acessível, contribuiu para a alfabetização da população através de cartilhas que eram publicadas. Desde então o livro vem sendo a principal fonte de transmissão de conhecimento da sociedade ocidental (CAMPOS, 1994).

No Brasil os livros inicialmente chegaram através de encomendas e a circulação destes era controlada pelos órgãos de censura colonial, que no século XVIII, possuía uma lista dos tipos de livros que não poderiam ser consumidos. Mesmo com a censura Real, a vinda da corte para o Brasil, em 1808, aumentou consideravelmente a circulação de livros com o surgimento de livreiros e novos editores, aumentando também a circulação clandestina (DELGADO, 1999).

O fim do século XVIII e o XIX serviram para a consolidação do mercado editorial no Brasil, mesmo que fosse centralizado na cidade do Rio de Janeiro. Aos poucos este mercado foi crescendo atingindo primeiro as grandes capitais como São Paulo, Belo Horizonte e Salvador. A venda de livros longe destes centros urbanos se deu graças à Monteiro Lobato que entrou em contato e enviou livros para serem vendidos em farmácias, bancas de jornal e armazéns, que o quisessem fazer-lo. Expandindo assim o comércio de livro usado pelo país (DELGADO, 1999).

Atualmente estão em vigência duas leis que tem como objetivo promover o incentivo a leitura e regulamentar a produção e circulação de livros no Brasil.



Estas são: **Política Nacional de Leitura e Escrita** (BRASIL, 2018) e a **Política Nacional do Livro** (BRASIL, 2003). A Política Nacional da Leitura e Escrita pretende “valorizar a leitura e o incremento de seu valor simbólico e institucional por meio de campanhas, premiações e eventos de difusão cultural do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas” (BRASIL, 2018). Já a Política Nacional do livro institui que é assegurado ao cidadão “direito de acesso e uso do livro”, como também que “o livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida” (BRASIL, 2018).

É importante observar que apesar de obter uma legislação que possibilita o acesso aos livros, em outras épocas a censura de livros no Brasil contribuiu para o seu *status* polêmico e subversivo. A relação com os livros construída durante todos esses anos se pauta na busca da liberdade através do conhecimento. É por isso que se tornam tão perigosos, sendo o principal alvo de ataques em momentos de forte censura como: a inquisição no século XII; Ascensão do nazismo; e a ditadura militar no Brasil.

O golpe de 1964 instituiu 21 anos de ditadura militar no Brasil, que foi dividida em três períodos: o primeiro “foi a do Golpe de Estado, em abril de 1964, e consolidação do novo regime”; o segundo “começa em dezembro de 1968, com a decretação do Ato Institucional nº 5 (AI5), desdobrando-se nos chamados anos de chumbo, em que a repressão atingiu seu mais alto grau”; e o terceiro se inicia em 1974 - com a posse do general Ernesto Geisel – “ano em que, paradoxalmente, o desaparecimento de opositores se torna rotina, iniciando-se então uma lenta abertura política que iria até o fim do período de exceção” (POLÍTICOS, 2007).

A ditadura também exerceu uma forte censura em toda produção cultural. Para além das publicações censuradas, existiam uma série de livros que foram apreendidos por militares e usados como prova para condenação de militantes, como mostra a pesquisa de Carneiro (1997).

Há diversos estudos sobre como funcionou a censura à cultura durante a ditadura militar. Pouco se sabe, porém, sobre uma outra maneira de coagir o acesso ao conhecimento: a repressão policial

contra a livre circulação de livros que não estavam censurados, mas eram considerados subversivos pelo governo militar. A apreensão de livros, que teoricamente podiam ser vendidos e lidos no país, fazia parte de um contexto maior de combate à cultura e ideias divergentes do poder instaurado. Queimar livros, ou tirá-los de circulação, é uma prática de regimes autoritários em todo o mundo. E mesmo após mais de 50 anos do golpe militar ainda estamos escrevendo a história de como a repressão se deu no Brasil. A minha pesquisa foi um levantamento inédito. Pela primeira vez foram catalogados todos os livros apreendidos pela polícia política. A fonte usada é extensa: praticamente a totalidade dos processos do Superior Tribunal Militar de 1964 a 1979, com uma abrangência nacional. Os livros listados, um total de 1.397, são os que foram descritos e compreendidos nos 323 autos de busca e apreensão em que há livros entre os objetos recolhidos. (CASTRO, 2018)

Um exemplo destes movimentos de repressão e resistência relacionados ao livro, atualmente, foi o ataque aos livros de educação infanto-juvenil dos quais abordavam assuntos relacionados à sexualidade, gênero e questões étnico-raciais, por grupos conservadores<sup>29</sup>. O que resultou na censura – por parte de vereadores de algumas cidades – destes assuntos nos livros didáticos e por tanto, no currículo escolar, privando as crianças o acesso a esses conhecimentos. Esse assunto bastante polêmico foi duramente discutido em redes sociais, entre grupos conservadores e pessoas que acreditam que esse tipo de conhecimento é necessário para que as crianças desenvolvam desde cedo um conhecimento do seu corpo e os limites que são necessários ser impostos aos outros em relação a este, um respeito à diversidade e a construção de um pensamento crítico em relação aos preconceitos diariamente reproduzidos socialmente.

“Enriquecer o mundo” representava um perigo para a continuidade e o particularismo do grupo que era esse mundo. O livro, adicionava algo ao mundo, não exibia mais uma vez seu auto - retrato familiar; ele perturbava a ordem das coisas em vez de preservar intata a forma que ela havia assumido previamente. Ele poderia entrar em contato com a concepção recebida a respeito do mundo ou, em determinado

---

<sup>29</sup><http://g1.globo.com/ro/ariquemes-e-vale-do-jamari/noticia/2017/01/mp-divulga-livros-didaticos-proibidos-em-escolas-por-ter-uniao-entre-gays.html> e  
<https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/03/28/polemica-sobre-questoes-de-genero-pode-deixar-alunos-do-recife-sem-livros.htm>

momento, instilar a dúvida sobre sua pretensão exclusiva de verdade. Em vez de ser, como anteriormente, um instrumento de continuidade e de separação, o livro tornou-se o fermento da auto – reflexão e da mudança. Os guardiões da coesão do grupo e os defensores da ordem não poderiam deixar de pressentir o perigo da livre circulação das narrativas. A arte havia se tornado subversiva – e não por livre escolha do artista: esta escolha, convém reconhecer, tornou-se sobretudo a escolha da conformidade, a submissão tranquila ao poder constituído e que pretendia ser único intérprete da tradição e da história popular. Quanto ao período da edificação das nações, com suas cruzadas culturais para promover a unidade da língua, das tradições, do panteão e da concepção do mundo, ele iria tornar-se e tornou-se efetivamente - e, por assim dizer, por toda parte – a época da censura. Nem todo o “adiantamento ao mundo” era bem-vindo; particularmente mal percebidos, eram os adiantamentos trazidos por agentes que nada tinham a ver com os plenipotenciários dos poderes que presidiam à implantação do processo de edificação das nações. (BAUMAN, 2003, p.23/24)

Outra situação que em podemos observar mais uma vez o livro sendo alvo de holofotes trazendo uma mensagem que vai para além do seu texto escrito, foi o segundo turno das eleições para presidente em 2018 no Brasil. Durante o primeiro turno, eleitores do candidato Jair Bolsonaro postaram em redes sociais fotografias em que apareciam indo votar armados<sup>30</sup>. Em contraposição a este movimento, pessoas contrárias à postura deste candidato levaram consigo para a votação – no segundo turno – um livro de sua escolha com o intuito de mostrar que o que esperavam do novo presidente não eram armas e sim educação. Tal movimento foi marcado pela *hashtag* “mais livros, menos armas” que se popularizou e hoje tem sido um forte grito nas manifestações a favor da educação.

O que se deseja enfatizar aqui é que a cultura material em suas manifestações simbólicas ajuda a discernir as “representações coletivas”; e que elas apontam para a reprodução do social. Por isso são símbolos visíveis de identidade étnica, entendida esta em sua

---

<sup>30</sup> Desde o início de sua campanha a proposta de flexibilização da posse de armas foi seu carro chefe, ou pelo menos, uma questão bastante polêmica que dividiu opiniões em relação ao aumento da violência perante acessibilidade à armas de fogo. Durante as eleições a divisão da população em armas e livros estava diretamente ligada aos dois candidatos com maiores intenções de voto e que, por fim, disputaram o segundo turno.

definição mais simples: os fatores (raciais, culturais, etc.) que unem uma comunidade para contrasta-la a outra. (RIBEIRO, 1987, p.2)



Neste capítulo não pretendi fazer uma análise comparativa entre o valor monetário e o valor simbólico ou ainda explicar um em função do outro. Mas sim entender o livro enquanto coisa nos moldes de Ingold (2012) e buscar tecer os fios vitais que constroem os livros usados.

## Conclusão

Neste trabalho trago quatro aspectos do livro usado, onde estão, por aonde vão, quanto valem social e monetariamente. A partir destes quatro pilares pude analisar a constituição do livro pelo emaranhado de fios vitais que o caracterizam enquanto coisa (INGOLD, 2012).

Eu pude acompanhar tais atravessamentos do livro-objeto por meio de registros inscritos em suas páginas e capas, seja com os carimbos e etiquetas dos lugares que estiveram; de assinaturas e dedicatórias que denunciam seus antigos donos; ou os preços que marcam outros tempos e outras moedas. E com o aumento da circulação dos livros através da Estante Virtual tais impressões se tornam mais abundantes e também mais diversas. O suporte de histórias “invisíveis” no decorrer das páginas atribuem ao livro usado um peso emocional e, por que não, mágico de um objeto singular (KOPYTOFF, 2008), na qual a sua singularidade é construída pela característica de coisa atribuída ao livro neste trabalho.

Concluo que o livro em sua história se consolidou pela liberdade, autonomia e o acesso a informação que oferece aos seus leitores, mas estes também oferecem aos livros suas próprias histórias construindo com livro-objeto sua biografia na interação humano/não humano. Um agente bastante ativo da disseminação de padrões culturais que interage com as pessoas através sua posição social. A experiência de se ler um livro-objeto ultrapassa as fronteiras delineadas na sua produção, a da leitura, com a interação entre os sujeitos e os registros dessa no decorrer de suas páginas.

(...) um certo Dick Brass, vice-presidente da Microsoft, abriu a reunião esboçando um quadro detalhado a respeito do óbito iminente do livro e do seu funeral. Por

volta de 2015, disse ele, o conteúdo integral da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América terá sido transcrito eletronicamente; em 2018, será publicado o último livro impresso de periódico. Da mesma forma, a partir de 2019, o verbete “livro” nos dicionários deverá trazer a seguinte definição: “Importante obra escrita, geralmente acessível por intermédio de computador ou de equipamento eletrônico pessoal.” (BAUMAN, 2003, p.17)

A liberdade atribuída à autonomia que o livro proporcionou enquanto veículo de conhecimento por cerca de oito séculos hoje é bem executada pela internet. Será que isso é o suficiente para a substituição do livro e com isso a *morte* do livro-objeto? Pelo menos a previsão de Dick Brass não estava correta. Alguns teóricos vêm abordando sobre o destino destes objetos em uma sociedade cada vez mais digitalizada, não pretendo fazer aqui uma projeção para esse futuro, mas levantar algumas questões que acredito serem válidas para o presente estudo.

O acesso à informação – e ao conhecimento tido enquanto válido na época – se massificou na união da imprensa com um formato mais compacto dos livros, o que também proporcionou aos livros serem instrumentos de lazer e cultura. Atualmente vemos que cada vez mais a internet tem assumido esse espaço de indexador do que tem sido produzido pelo mundo, não apenas o conhecimento formal por especialistas, mas também dando espaço para experiências pessoais. Além destas características a internet vem para revolucionar também a o modo de leitura com seus hipertextos:

(...) graças ao hipertexto, eles propõem, sobretudo, um modo de leitura radicalmente novo, infinitamente mais livre que o modo do livro, ao mesmo tempo em que se situam na mesma lógica, na medida em que o hipertexto permite generalizar ao infinito a comparação, ligando potencialmente cada ponto do texto com todos os outros e, assim, autorizando leituras por encomenda que se servem das estruturas profundas e, frequentemente, dissimuladas do texto. (AYMARD, 2003, p.178)

A possibilidade de junção de imagens, sons e vídeos aos textos escritos contribuem para a modificação do modo de leitura, que agora necessita de

interpretação destas ferramentas para que seja possível uma compreensão geral do texto. Expandindo ainda a análise sobre a sobrevivência do livro-objeto no contexto tecnológico temos a circulação dos textos, facilitada pela rede. Aqui é importante reafirmar que a mesma rede proporciona, através da Estante Virtual, uma amplitude maior do alcance do livro-objeto. Entretanto a circulação diária de hipertextos é bem mais intensa.

Apesar do alargamento das possibilidades de leitura, interação com a produção de conhecimento e o grande volume de informações circuladas o mercado livreiro tem se utilizado de novas estratégias para a conservação do livro-objeto. Em minha pesquisa, e vida pessoal, a estratégia que tem ganhado visibilidade nos últimos tempos é a dos clubes de assinatura, dos quais, entre os três que mais possui inscritos, no Brasil, dois são de livros<sup>31</sup>. Os clubes de assinatura são serviços pagos que disponibilizam para seus assinantes receber em casa determinado tipo de produto. No caso da TAG livros e do Leiturinha, atualmente, eles enviam um livro por mês – que normalmente é de uma edição personalizada pelo clube -, acompanhado de um brinde e uma cartilha que fala sobre o autor, o livro e o seu curador. Existem pacotes específicos que alteram o tipo de livro ou brindes que o acompanham como também um pacote da TAG que o assinante só descobre o título do livro no momento em que recebe sua encomenda.

Os clubes de assinatura vêm com uma boa estratégia que utiliza como parte de seu *marketing*, não apenas o conteúdo do livro, mas também a experiência sensorial da leitura através do cheiro, o estímulo visual pelas novas edições e – o que mais me envolve na leitura de um livro – a experiência tátil da capa dura ou envernizada, das folhas e suas texturas desde o momento que os tiramos novos das lojas até o seu mais extremo amarelamento, o peso pressionando o colo ou suspenso em frente ao nosso rosto. Assim, o livro-objeto deixa de ser um veículo e passa a se relacionar com o sujeito enquanto o foco da experiência de lazer.

Se o livro-objeto vai desaparecer eu não sei, e nem é o objetivo da minha pesquisa, porém ainda está muito presente na sociedade com uma forte influência. A minha pesquisa focou em livros-usados - um recorte bem

---

<sup>31</sup> <https://portalnovarejo.com.br/2019/05/4-em-10-brasileiros-tem-interesse-em-clubes-de-assinatura-de-supermercados-e-restaurantes-novarejo/>

específico deste objeto – os quais me possibilitou percorrer a cidade de Florianópolis aprendendo um pouco mais de economia e as maneiras como foram e são construída a sua influência. Apesar do número de artigos questionando sobre o seu fim, o livro-objeto – novo ou usado – ainda tem inúmeras abordagens que podem ajudar a análise de objetos e suas interações com agentes humanos.

Acredito que outra possibilidade de pesquisa em torno dos livros seria o foco na circulação provocada pela Estante Virtual, que desde 2005 movimenta livros usados e novos por todo o território nacional, se constituindo enquanto um circuito bastante eficiente na indexação de sebos e livrarias pelo país. Outro fenômeno que não foi muito abordado em minha pesquisa são os clubes de assinatura - no caso os com foco nos livros -, eles têm alcançado considerável popularidade e também são interessantes visto que são serviços a nível nacional que utilizam da tecnologia para a interação entre seus membros. Por fim, o hábito de leitura não parece que vem sendo ameaçado com o surgimento de novas tecnologias, entretanto me pergunto se o livro-objeto não vem sendo (re) significado e perdendo a força de sua autoridade de detentor do conhecimento, mas se tornando atraente pelo seu silêncio e simplicidade analógica.



## Referências

ACHUTTI, L. E. R.. FOTOETNOGRAFIA DA BIBLIOTECA JARDIM. Porto Alegre: Editora da UFRGS e Tomo Editorial, 2004. 320p.

AYMARD, Maurice. Metamorfoses do livro e da leitura. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). **Reflexões sobre os Caminhos dos Livros**. São Paulo: UNESCO, 2003. p. 173 – 189.

BAUMAN, Zygmunt. O livro no diálogo global entre culturas. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). **Reflexões sobre os Caminhos dos Livros**. São Paulo: UNESCO, 2003. p. 15-33

BORGES, Julio Daio. A Revolução dos sebos: entrevista com André Garcia. **Gv Executivo**, São Paulo, v. 7, n. 2, p.72-75, Não é um mês valido! 2008. Mensal. Especial: Cultura e Negócios.

BRASIL. Assembleia Legislativa. Constituição (2003). Lei nº 10.753, de 31 de outubro de 2003. **Política Nacional do Livro**. Brasília,

BRASIL. Assembleia Legislativa. Constituição (2018). Lei nº 13.696, de 12 de junho de 2018. **Política Nacional de Leitura e Escrita**. Brasília,

CAMPOS, Arnaldo. **Breve História do Livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto/ Instituto Estadual do Livro, 1994.

CARNEIRO, M. L. T. **Livros proibidos, Ideias Malditas: o Deops e as minorias silenciadas**. São Paulo: Estação Liberdade: Arquivo do Estado / SEC, 1997.

CASTRO, Ana Caroline Silva de. **Como se deu a apreensão de livros durante a ditadura militar**. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/academico/2018/11/28/Como-se-deu-a-apreens%C3%A3o-de-livros-durante-a-ditadura-militar>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

CERVANTES, Miguel de **Dom Quixote de la Mancha**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 609 p. Tradução dos: Viscondes de Castilho e Azevedo.

DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 167 p.

E-COMMERCE NEWS. Como montar uma operação em Marketplaces? Disponível em: <<http://ecommercenews.com.br/noticias/pesquisas-noticias/como-montar-umaoperacao-em-marketplaces>>. Acesso em: 21 julho. 2016.

FAILLA Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. 296 p. Disponível em: <[http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016\\_LIVRO\\_EM\\_PDF\\_FINAL\\_COM\\_CAPA.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, [s.l.], v. 18, n. 37, p.25-44, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832012000100002>.

INSTITUTO MILLENIUM. **Clubes de assinatura de livros criam alternativas ao varejo**. 2019. <https://www.institutomillennium.org.br/>. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/blog/instituto-millennium/clubes-de-assinatura-de-livros-criam-alternativas-ao-varejo/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

KOPYTOFF, Igor. **A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo**. In: APPADURAI, Arjun (org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

LEITE LOPES, José Sérgio. **O vapor do diabo: O trabalho dos operários do açúcar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 220 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 17, n. 49, p.11-29, jun. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092002000200002>.

MAGNANI, José Guilherme Cantor - Os circuitos dos jovens urbanos. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, 2010, pág. 13-38

MATOS, Felipe. **Uma Ilha de Leitura**: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950). Florianópolis: Editora UFSC, 2008. 139 p.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, [s.l.], v. 10, n. 21, p.41-65, jun. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832004000100003>.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na antropologia. In SAMAIN, Etienne. **O fotógrafo**. São Paulo: Hucitee/CNPq, 1998. pp 113-118

POLÍTICOS, Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos. **Direito à verdade e à memória**: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007. 400 p. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/dados/livros/a\\_pdf/livro\\_memoria1\\_direito\\_verdade.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/livros/a_pdf/livro_memoria1_direito_verdade.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2019.

RIBEIRO, Berta. **A linguagem simbólica da cultura material**. In: Ribeiro, Darcy et alli. Suma etnológica brasileira. V. 3 – Arte Índia. Finep, 1987, pp 15-27

ROCHA, Camilo. **Como é a política que ‘obriga’ o governo a incentivar a leitura**. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/08/03/Como-%C3%A9-a-pol%C3%ADtica-que-%E2%80%98obriga%E2%80%99-o-governo-a-incentivar-a-leitura>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

SAMAIN, Etienne. Balinese Character (re) visitado: Uma introdução à obra visual de Gregory Bateson e Margaret Mead. In: ALVES, André. **Os Argonautas do Manguê: Uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória, ES**. Campinas: Unicamp, 2004. p. 17-72.

SILVA, Janaína Tenório Trancoso Tavares da. **MARKETPLACE: A grande salvação das lojas virtuais**. 2018. 25 f. Monografia (Especialização) - Curso de Marketing Digital, Uniceub, Brasília, 2018.

SCHETTINO, Thais Sena. UM GRUPO EM MUDANÇA: OS LIVREIROS E O SABER PROFISSIONAL. **Sociologia & Antropologia**, [s.l.], v. 3, n. 6, p.605-619, dez. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752013v3611>.

TAKAHATA, Leonardo Eidy. E-commerce no Marketplace. 2017. 17 f. Monografia (Especialização) - Curso de Marketing Digital e Comercio Eletrônico, Unisul, Florianópolis, 2017.

VALENA, Cecilia. **O acertos e erros da estante virtual, primeiro acervo digital de livros do país, que este ano cresceu 20%**. 2016. Disponível em: <<http://projetodraft.com/os-acertos-e-erros-da-estante-virtual-primeiro-acervo-digital-de-livros-do-pais-que-este-ano-cresceu-20/>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

VATTIMO, Gianni. Livro e liberdade. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). **Reflexões sobre os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Unesco, 2003. p. 89-95.

## Sites

Estante Virtual: <https://www.estantevirtual.com.br/>

SEBRAE: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-sebo-venda-de-livros-usados,85187a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>

Instituto Pró-Livro: <http://prolivro.org.br/home/>

Câmara Catarinense do Livro: <http://www.cclivro.org.br/>

Projeto Floripa Letrada:

<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?pagina=notpagina&noti=2293>

Biblioteca Comunitária Barca dos Livros: <https://barcadoslivros.org/>

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil <http://www.fnlij.org.br/>

Museu do Lixo:

<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=museu+do+lixo++historia+e+agenda&menu=7&submenuid=1389>